

Junho 2022

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

---

# As Bases Fundamentais para uma Relação Pedagógica Sólida

---

RELATÓRIO DE ESTÁGIO APRESENTADO À  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI  
PARA A OBTENÇÃO DE  
GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

DE

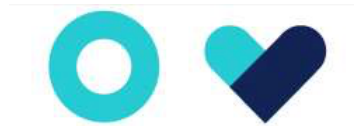
Joana Filipa Costa Fonseca Pinto

ORIENTAÇÃO

Doutora Daniela Alexandra Ramos Gonçalves



PAULA  
FRASSINETTI



Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo  
do Ensino Básico

# **As Bases Fundamentais para uma Relação Pedagógica Sólida**

Por Joana Filipa Costa Fonseca Pinto

Sob Orientação da Professora Doutora Daniela Alexandra Ramos  
Gonçalves

Porto

2022

Relatório de estágio apresentado à Escola Superior de Educação  
de Paula Frassinetti para a obtenção do grau de Mestre em  
Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Por Joana Filipa Costa Fonseca Pinto

Sob Orientação da Professora Doutora Daniela Alexandra Ramos  
Gonçalves

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Porto

2022

## DEDICATÓRIA

“E é nos meus dias bons,  
Que gostava de te falar  
Para veres onde eu estou  
Onde eu consegui chegar

É verdade, morro de saudade  
De te ter aqui  
É verdade, morro de saudade  
Mas eu sei que estás aí a olhar por mim”  
(Fernando Daniel, Melodia da Saudade - 2019)

- Aos meus avós Cândido e Arminda, que mesmo não estando aqui, estarão certamente muito orgulhosos de mim...

## **AGRADECIMENTOS**

*Desde muito cedo que a vontade de vir a ser professora, está presente na minha vida.*

*Ainda tenho o meu livro de finalistas da sala dos 5 anos, em que, quando me perguntaram o que queria ser quando fosse grande, respondi: “quero ser professora de Filosofia como a minha mãe”. Em poucos anos percebi que a minha paixão eram as crianças e o “bichinho” da educação continuava presente. Quando cheguei ao 12.º ano e a minha convicção era seguir o ramo da Educação Básica; no entanto, foram várias pessoas que duvidaram das minhas capacidades. Alguns professores, e não só, que me acompanharam ao longo dos anos, confiaram em mim, no meu sucesso e na minha força de vontade. Marcaram-me e fizeram-me apaixonar ainda mais, pela profissão.*

*A entrada na faculdade, no curso que queria foi o realizar de um sonho. E uma viagem de 5 anos começou. Um período maravilhoso, de altos e baixos que está prestes a acabar e, com ele, uma nova etapa na minha vida quase a começar.*

*Ao longo destes anos foram várias as pessoas que estiveram sempre lá, que nunca me abandonaram, nem deixaram que desistisse. A todas elas, só tenho a agradecer!*

*Primeiramente, agradeço aos meus pais e à minha irmã Carolina. Os meus pilares deste caminho, que nunca desistiram e fizeram de tudo para que eu conseguisse chegar até aqui. Obrigada! Sem vocês nada disto seria possível.*

*À minha irmã mais velha, tios e primos agradeço todo o apoio.*

*À minha amiga Marii por todo o apoio, por acreditar em mim e por estar sempre presente, mesmo que longe.*

*Às minhas companheiras e amigas de curso, que me acompanharam ao longo destes anos. Em especial à Inês, uma amiga de todas as horas. Com ela vivi momentos incríveis, sorrimos e choramos. Uma amizade para a vida, sem dúvida!*

*À minha madrinha de praxe por estar sempre lá... nos melhores momentos. Por todas as conversas, por toda a disponibilidade e apoio incondicional.*

*Obrigada às crianças do estágio em pré-escolar e aos alunos do estágio em 1º CEB. Foi tão bom acompanhar-vos ao longo deste tempo. E claro, obrigada*

*também à educadora Joana e à professora Elizabete, que me receberam tão bem nas suas salas e me tornaram parte da sua equipa. Obrigada por todos os ensinamentos e por me ajudarem a crescer enquanto profissional.*

*Agradecer também à minha segunda casa, a ESEPF, e a todos os seus profissionais, que permitiram que o sonho se tornasse realidade.*

*Por último, e não menos importante, um agradecimento especial à minha orientadora, a professora Daniela Gonçalves, pela orientação, disponibilidade, dedicação, exigência e apoio ao longo destes 2 anos. Agradecer também por todos os ensinamentos que me transmitiu ao longo deste percurso. É um exemplo a seguir, por ensinar com o coração, mas também pela paixão que demonstra por esta profissão.*

*Todas as pessoas mencionadas anteriormente tiveram um papel imprescindível no meu caminho e, por isso, OBRIGADA a todos.*

## RESUMO

A relação pedagógica tem um papel central no processo de ensino e de aprendizagem e, ao longo do tempo, foi alvo de vários estudos.

O sucesso educativo é influenciado pela relação pedagógica estabelecida entre professor-aluno, uma vez que se o professor criar um ambiente saudável, onde exista comunicação, afetividade, cumplicidade e confiança, os alunos estarão mais motivados para as aprendizagens e, concomitantemente alcançarão os seus objetivos.

Os estágios realizados, no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, foram um meio extraordinário para conhecer, de uma forma mais aprofundada esta relação e o que é mais importante para que esta seja estabelecida entre os intervenientes.

Assim, foi realizada uma investigação enquadrada por uma abordagem qualitativa e interpretativa, nos dois contextos (EPE e 1.º Ciclo do Ensino Básico), em instituições de ensino privado, na zona do Grande Porto. As técnicas escolhidas e utilizadas para a recolha de dados, ajudaram, assim, a esclarecer os objetivos da investigação. Neste contexto, recorreu-se à análise documental e ao inquérito por entrevista (aplicado às crianças em contexto de EPE) e à observação e produção escrita (aplicado em contexto de 1º Ciclo).

Através da análise dos diversos instrumentos de recolha de dados e, conseqüentemente, dos resultados obtidos, foi possível perceber como se processa esta relação e o que valorizam os docentes e discentes para que esta aconteça de forma favorável.

**Palavras-Chave:** relação pedagógica, processo ensino e de aprendizagem, sucesso educativo, comunicação, afetividade

## **ABSTRACT**

The pedagogical relationship plays a central role in the teaching and learning process, and has been, for some time, the subject of several studies.

Educational success is influenced by the pedagogical relationship established between teacher-student, since if the teacher can create a healthy environment, where there is communication, affectivity, complicity and trust, students will be more motivated to learn and achieve their goals.

The practical trainings carried out, within the framework of the Supervised Teaching Practice of the master's degree in Pre-school Education and Teaching in the 1st Cycle of Basic Education, posed an extraordinary opportunity to deepen the knowledge about this relationship and what it takes to be established.

Within a qualitative and interpretative approach, the research was carried out in both contexts (EPE and 1st Cycle of Basic Education), in private educational institutions from the greater Porto area.

The techniques chosen and used for data collection aided to clarify the objectives of the research. In this context, we used documentary analysis and structured interviews (applied to children in the context of EPE), as well as observation and written production analysis (applied in the context of the 1st Cycle).

Those various data collection instruments yielded results that lead to a better understanding of how pedagogical relationships unfold, and what teachers and students value the most in the process.

**Keywords:** pedagogical relationship, teaching and learning process, educational success, communication, affectivity



## Índice

INTRODUÇÃO .....	1
PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	2
1. Educação Contemporânea .....	2
1.1. Desafios da Educação Contemporânea.....	4
1.2. Exercício docente: da essência à realidade .....	7
2. Relação pedagógica .....	11
2.1. A comunicação e a relação pedagógica.....	14
2.2. A dimensão afetiva na relação pedagógica.....	17
PARTE II – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO .....	20
1. Âmbito e objetivos da investigação.....	20
2. Contexto da Investigação.....	21
2.1. Caracterização da instituição e do grupo em EPE .....	21
2.2. Caracterização da instituição e do grupo em 1º Ciclo do Ensino Básico.....	24
3. Procedimentos .....	28
4. Instrumentos de recolha e tratamento dos dados de investigação.....	29
4.1. Instrumentos de recolha utilizados em EPE.....	30
4.2. Instrumentos de recolha utilizados em 1.º CEB .....	32
PARTE III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DE INVESTIGAÇÃO .....	34
1. Dos dados do Inquérito por Entrevista.....	34
2. Dos dados das representações gráficas.....	36
3. Dos dados da observação não participante.....	38
3.1. Da primeira observação .....	39
3.2. Da segunda observação.....	40
4. Dos dados das produções escritas dos alunos.....	42
PARTE IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
ANEXOS .....	52

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

Figura 1: Desenho feito pela T.

Figura 2: Desenho feito pela I.

Figura 3: Desenho feito pela C.

Figura 4: Desenho feito pelo D.

## **LISTA DE ACRÓNIMOS E SIGLAS**

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

M.E. – Ministério da Educação

EPE – Educação Pré-Escolar

CEB – Ciclo do Ensino Básico

## **ÍNDICE DE ANEXOS**

**Anexo I:** Livro “A minha professora”, de Maria Inês Almeida

**Anexo II:** Guião de Inquérito por Entrevista às crianças do estágio supervisionado

**Anexo III:** Transcrição do Inquérito por Entrevista às crianças do estágio supervisionado

**Anexo IV:** Desenhos realizados pelas crianças

**Anexo V:** Grelha utilizada nas observações

**Anexo VI:** Primeira Observação

**Anexo VII:** Segunda Observação

**Anexo VIII:** Produções Escritas dos Alunos

## **INTRODUÇÃO**

O presente documento foi elaborado com o intuito de obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Todo o processo investigativo deste relatório incide sobre a temática “Promoção do Sucesso Educativo”, em particular sobre a Relação Pedagógica, orientado pela Professora Doutora Daniela Gonçalves.

Pretende-se, deste modo, perceber como é importante o professor desenvolver uma relação pedagógica favorável ao processo de ensino e de aprendizagem do aluno e de que forma a comunicação e a afetividade influenciam em grande escala essa mesma relação. Assim, espera-se apurar as características fundamentais de uma relação pedagógica de excelência, tornando evidente os benefícios no decurso do processo educativo.

Formalmente, este relatório encontra-se dividido em quatro partes.

Na parte I, apresentamos o Enquadramento Teórico, a partir de bibliografia sobre a temática com recurso a diversos autores que sustentam toda a investigação. Será abordada, num primeiro momento, a Educação Contemporânea, porque é importante perceber quais os desafios da educação e do professor, na atualidade, e num segundo momento, será abordada a Relação Pedagógica. Neste ponto, será apresentada uma definição da relação pedagógica e será abordado dois aspetos bastante importantes para que haja uma boa relação entre professores e alunos: a comunicação e a afetividade. Por outras palavras, ao longo desta primeira parte serão apresentadas algumas perspetivas sobre a relação pedagógica, que se tornarão um guia para toda a investigação.

A parte II é composta pelo enquadramento metodológico, onde será apresentado o objetivo do estudo, bem como a metodologia e as técnicas utilizadas ao longo de toda a investigação.

Já na parte III é apresentado os resultados dos instrumentos analisados e a sua análise.

Por fim, na parte IV temos as considerações finais, onde será realizada uma reflexão sobre todo o processo de investigação e os seus resultados.

## **PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A educação está em constante mudança, de forma bastante rápida.

O professor assume cada vez mais a função de orientador/mediador da aprendizagem, para auxiliar o aluno no processo de ensino/aprendizagem. Este continua a ser um “modelo” de conduta e de transmissão de valores e conhecimentos para as relações futuras. O professor tem que ter a capacidade de motivar os alunos da atualidade (bastante ligados às tecnologias, que estão constantemente *online*), utilizando técnicas e recursos diferentes.

Para isso, é necessário que domine as novas tecnologias, pois a sua ação pedagógica tem de ser adaptada aos dias de hoje, e a utilização de computadores é bastante importante.

Os dispositivos tecnológicos, quando utilizados em sala de aula e sendo bem utilizados, podem facilitar “a melhoria da qualidade do ensino, o rendimento e a satisfação pessoal do aluno” (Zabalza, *cit.* por Nogueira, 1998, p. 107).

Atualmente, estamos perante uma sociedade focada no digital e é necessário acompanhar estas mudanças, a todos os níveis.

### **1. Educação Contemporânea**

“A educação é a arma mais poderosa que se pode usar para mudar o mundo” (Nelson Mandela, 2003).

A escola tem um papel fundamental na formação dos indivíduos para que se tornem cidadãos com valores, responsáveis, conscientes, autónomos e ativos. Neste sentido, a instituição escola deve fornecer aos alunos um espaço onde se sintam bem, se sintam integrados na sociedade, funcionando, muitas vezes, como uma micro-sociedade.

A sociedade atual está em constante mudança e é necessário que a educação acompanhe estas modificações. “A Escola, em pleno século XXI, não pode continuar a funcionar como se o mundo não tivesse sofrido quaisquer mudanças nos últimos cem anos. A Escola não pode ignorar transformações operadas na forma como as pessoas hoje vivem e se comportam” (Lima, 2017, p. 73).

Ao longo dos anos, a escola foi sofrendo alterações. Só no início do século XX, com o *boom* da televisão é que todos os setores começaram a sofrer modificações, e a educação foi um deles. “A televisão aproximou as pessoas e tornou o mundo um lugar mais pequeno, permitindo que todos pudessem conhecer um pouco mais do que nos rodeia e estivessem mais informados dos acontecimentos à escala global” (Lima, 2017, p. 162). Com o aparecimento da televisão, em 1965 nasceu a Telescola, que “marcou, indubitavelmente, uma etapa no ensino em Portugal” (Lima, 2017, p. 162), que permitiu aumentar a escolarização no país.

Mas, na segunda metade do século XX, vários conteúdos relacionados com a Ciência e a Vida Selvagem começaram a fazer parte da programação, tendo despertado a atenção de muitas pessoas.

Por isso, a escola para tentar acompanhar esta evolução, no final do século XX, começaram a disponibilizar “aos alunos centros de recursos com leitores de VHS e, mais tarde ainda, com os primeiros DVD” (Lima, 2017, p. 163), de forma a acompanhar as necessidades da geração. Foi a partir daqui que o aluno começou a ser considerado o centro do processo de aprendizagem.

O mundo continuou a mudar e começaram a aparecer os primeiros computadores nas escolas, o que impulsionou a criação de projetos inovadores, que recorressem à tecnologia. Com a chegada da internet aos estabelecimentos de ensino, entre 1997 e 2001 até 2006, permitiu-se que todas as escolas pudessem utilizar com maior frequência os computadores.

Assim, ao longo do século XXI, temos assistido a uma autêntica revolução tecnológica, com o acesso mais ao menos generalizado dos alunos à internet, assim como aos mais variados dispositivos.

Contudo, todas estas alterações de nada valem, se não as pusermos ao serviço do ensino.

Deste modo, “existem novas formas de aprender, novas formas de trabalho, novas formas de pensar, novas formas de lidarmos uns com os outros, há novas competências essenciais” (Cardoso, 2019, p.24) e, por isso, a escola não pode continuar como era. A escola “requer novas abordagens metodológicas que envolvam uma maior diversificação de estratégias e uma maior adequação das

mesmas às características, qualidades ou dificuldades dos alunos” (Lima, 2017, p. 169).

Todas estas modificações estão associadas a um

processo de mudança implica inúmeras variáveis e em todas elas encontraremos resistência, conflitualidade, avanços e recuos, momentos de angústia e de desilusão. Contudo, essa mudança é necessária, para bem da sociedade, para bem da Escola, para bem dos professores, mas acima de tudo, para bem de cada aluno (Lima, 2017, p. 58).

Mesmo que tudo isso, se torne um desafio para todos os membros envolvidos no contexto educativo.

## **1.1. Desafios da Educação Contemporânea**

A educação está em constante mudança, sendo encarada como um desafio diário por causa dos avanços tecnológicos, pela diversidade de alunos e desigualdades sociais e, também, pela multiplicidade de culturas e crenças.

Uma das primeiras mudanças foi a passagem da escola dita tradicional, em que os alunos estão na sala de aula como recetores do conhecimento enquanto o professor debita os conteúdos, para uma escola nova, em que o aluno está no centro da aprendizagem e se torna mais ativo. Apesar de haver uma mudança, os alunos continuam divididos por anos e turmas. Contudo, alguns autores são da opinião que o ensino possa comportar outros aspetos. Para Lima (2017, p. 15), “num sistema educativo ideal, os alunos não estariam inseridos numa turma, num determinado ano de escolaridade, mas agrupados segundo o nível de competências em diferentes domínios ou por áreas de preferências”, o que permitiria uma “maior flexibilidade e adequabilidade do processo de aprendizagem às características de cada criança” (Lima, 2017, p. 17). É o que acontece por exemplo na Escola da Ponte (<https://www.escoladaponte.pt>).

Também é importante que a educação contemporânea, não restrinja o ensino às matérias específicas devendo também ajudar “os alunos a tomarem consciência dos seus talentos e a potenciarem-nos” (Cardoso, 2019, p.22). Lima (2017) também é da opinião que a “escola tem de se assumir como meio em que todos estes talentos possam nascer, crescer e florescer, dando a cada criança a oportunidade de descobrir as suas áreas de eleição, os seus dons e as suas

inteligências, permitindo que se conheça, que esteja consciente das suas capacidades em diferentes domínios, mas também as suas limitações” (p. 95), trabalhando também as suas competências sociais, relacionais e emocionais. Uma dessas competências é a de “trabalharem colaborativamente e de modo eficiente em grupo” (Cardoso, 2019, p.157), na procura e partilha de conhecimento. “É então necessário pensar numa Escola que promova a descoberta, a discussão na sala de aula, a partilha de ideias, o trabalho colaborativo, a criação de conteúdos e de recursos, desafiando os alunos a resolver problemas da vida real e a ultrapassá-los individualmente ou em grupo” (Lima, 2017, p.81).

É preciso uma “Escola que desenvolva nos alunos o sentido crítico, o espírito de iniciativa, a capacidade inventiva e a criatividade” (Lima, 2017, p. 168-169).

Para além destas competências é também na escola que “se aprende a ser cidadão, a respeitar o outro, e onde se cimentam valores” (Cardoso, 2019, p.18), como a “responsabilidade, sentido de justiça, autonomia, pensamento crítico, respeito pelos outros e empenho em causas sociais” (Cardoso, 2019, p.19). Estes valores são essenciais para a vida do aluno.

Deste modo, a solidariedade deve estar presente na educação contemporânea, pois esta visa a cidadania.

Para haver a prática de uma educação mais solidária é necessária uma transformação, na forma de ser, pensar e agir das pessoas, e uma transformação que não seja alimentada por interesses, mas por relações de reciprocidade, de respeito, de compreensão, da prática de igualdade de direitos e deveres, no qual prevaleça o respeito às diferenças peculiares de cada indivíduo (Folha, 2012, p. 27).

Também as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) são um desafio para a educação, já que a nossa sociedade está constantemente ligada às tecnologias e por isso, “educar na atualidade, exige desafios contínuos de novas experiências com a incorporação das TIC, inovando as metodologias tradicionais” (Flores & Escola, 2011, p. 219). Deste modo, é crucial dominar as ferramentas tecnológicas para que se possa usufruir destas na sala de aula. O uso da tecnologia, segundo Cardoso (2019), favorece a motivação, o envolvimento do aluno e a criatividade na construção do conhecimento. Mas para além da tecnologia também são necessárias novas formas pedagógicas,



que ajudem os docentes a chegar a todos os discentes, para que aprendam. Assim, é necessário que nas aulas sejam utilizados diferentes recursos, não se remetendo apenas ao manual, como por exemplo os quizzes, mapas mentais e de conceitos, jogos educativos e podcasts.

Outro dos desafios é o currículo, uma vez que este deve inovar as suas práticas e atender às especificidades dos alunos e por isso, o professor deve trabalhar em conjunto com os alunos na sua elaboração, participando assim, no seu próprio processo de formação. Este currículo desenvolvido deve “ter uma interação pluridisciplinar. Há que fomentar a interação disciplinar, ou seja, tópicos transversais” (Cardoso, 2019, p.144). Assim, quer-se

uma escola que use menos as disciplinas isoladamente, mas que proponha trabalhos numa lógica de projetos, em que a interdisciplinaridade seja a tônica dominante, já que é esta que melhor retrata aquilo que se passa no mundo (Cardoso, 2019 p. 145).

Para além disso, na educação contemporânea o respeito por todos os alunos é essencial. Na escola existe uma diversidade a vários níveis, sendo que “as questões da diversidade, nas suas múltiplas facetas, abrem caminho para uma redefinição das práticas de inclusão social e integração escolar” (Nóvoa, citado por Cardoso, 2019, p. 169). É importante democratizar o ensino, de forma a garantir que todos tenham direito à educação. Mas esta diversidade não parte só das condições socioeconómicas; parte também da forma como cada aluno adquire os conhecimentos e do próprio ritmo de trabalho.

Sabemos que todos temos ritmos de trabalho diferentes, ou seja, “o tempo necessário para dominar uma competência ou para aprender um conceito varia de aluno para aluno” (Heacox, 2006, p. 14), sendo que uns são mais rápidos e outros mais lentos. É necessário que a educação e, posteriormente, o professor respeite estes ritmos, diversificando o tempo de aprendizagem. Assim, é preciso permitir que cada aluno avance ao seu ritmo, utilizando o tempo que necessitar para a realização das atividades.

Deste modo, o professor deve ter por base a diferenciação pedagógica que tem como objetivo dar resposta a todas as crianças numa perspetiva de escola inclusiva. Para isso, tal como nos diz Canavarro, Pereira & Pascoal (2001), é necessário “conhecer o nível de desenvolvimento, interesses, aptidões e

especificidades da criança; partir do que a criança já sabe e valorizar os seus saberes; diversificar os processos pedagógicos para adequá-los a cada criança; e seguir diferentes percursos para chegar a um fim comum: o desenvolvimento das potencialidades e das aprendizagens de cada criança“ (p. 38). Também Heacox (2006) considera que o professor “tem de primeiro conhecer os seus alunos e as suas necessidades de aprendizagem” (p. 34) para que, em seguida, consiga estudar o currículo. Só assim é que um maior número de alunos obterá sucesso académico.

O respeito por todos é desenvolvido através da relação pedagógica, sendo que estas relações entre “professor-aluno têm alta influência no sucesso dos alunos” (Lopes & Silva, 2015, p. 63), já que os ajuda a melhorar os resultados.

Contudo, ao falar de educação não podemos deixar de lado os “quatro pilares que são as bases da educação ao longo da vida” (Cardoso, 2013, p.44), baseados “no desenvolvimento de competências que privilegiem um desenvolvimento integral da pessoa” (Cardoso, 2013, pp.44-45). Assim, a educação deve ter por base o aprender a conhecer, em que há “necessidade de aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento” (Cardoso, 2013, p. 45); o aprender a fazer, que consiste em “combinar a qualificação técnica de realizar uma tarefa com o comportamento social, a aptidão para o trabalho em equipa, a capacidade de iniciativa e, ainda, algum gosto pelo risco” (Cardoso, 2013, p. 46); o aprender a viver em sociedade, que realça a que o indivíduo compreenda o outro e aprenda a viver em sociedade; e o aprender a ser, com enfoque no desenvolvimento da personalidade, no seu sentido estético e crítico, na sua responsabilidade e autonomia.

Perante todos estes desafios da educação atual, o professor terá que enfrentar também ele vários obstáculos, de forma a cumprir a sua missão de educar.

## **1.2. Exercício docente: da essência à realidade**

“Ser professor é uma profissão única, insubstituível. É ele que torna todas as outras profissões possíveis” (Cardoso, 2013, p. 37).

Ao longo dos anos, a definição do que é ser professor, foi-se alterando. Inicialmente, o professor era visto como um mero transmissor de conhecimento.

Foram precisas muitas décadas para que se começasse a atribuir um papel mais ativo às crianças e assim, permitir que estas tivessem um papel mais interventivo nas suas próprias aprendizagens, passando a ser o professor um mediador, que também aprende com elas. Ser professor envolve também “uma aprendizagem mútua, uma relação de cumplicidade e complementaridade, na qual os alunos sentem que têm uma voz ativa neste processo educativo e confiam na figura do docente para desenvolver os seus conhecimentos” (Monteiro & Gonçalves, 2019, p. 532).

Contudo, ser professor envolve outros aspetos. Aos professores cabe-lhes também o dever de estarem

atentos e tentem agir, a fenómenos vários tais como a toxicodependência, a xenofobia, o alcoolismo, a violência ou doenças sexualmente transmissíveis. Mas mais que isso, devem promover valores de cidadania, de empreendedorismo, de defesa do ambiente, de hábitos alimentares saudáveis, de cultura física, de literacia financeira ou do uso das novas tecnologias (Cardoso, 2013, p.38).

Por isso, segundo João Dias da Silva (s/d), citado por Cardoso (2013, p. 38), é necessário que um professor seja multifuncional, e por isso mesmo é que é uma profissão cada vez mais difícil.

Deste modo, “a existência de bons professores é de crucial importância para qualquer sociedade” (Cardoso, 2013, p. 57). Professores estes que mobilizam e cativam os alunos para o conhecimento e se tornam um modelo de referência, pela sua forma de estar, pelas suas preocupações e pelo exercício da cidadania. Assim, existem vários tipos de professores, que são divididos em categorias. A teoria mais conhecida é a de Kevin (1986), que citado por Cardoso (2013, p. 59) refere que existem quatro estádios que caracterizam os professores: professor ingénuo (*fantasy*), professor burocrata (*survival*), professor competente (*mastery*) e professor de excelência (*impact*). O professor ingénuo é popular, simpático e quer “comprar” a simpatia dos alunos com notas generosas, sendo amigo deles. Este não estabelece objetivos, padrões ou metas a atingir, apenas quer agradar. Já o professor burocrata só quer manter o emprego, cumprir o programa e os horários, mas não sabe se os alunos atingiram os objetivos. Por outro lado, o professor competente já se preocupa em cativar os alunos através de técnicas diferentes, para que estes se mantenham motivados e, para isso,

procuram manterem-se atualizados. Por fim, o estágio 4 é o do professor de excelência. Este professor marca a vida dos seus alunos, as suas práticas de ensino são planeadas e os objetivos são traçados e avaliados. Assim, é este tipo de professor que devemos ser.

Um professor de excelência tem de enfrentar diversos desafios ao longo da sua carreira como “o impacto das novas tecnologias, as exigências do mercado de trabalho, a falta de capacitação e valorização dos profissionais, a relação entre família, escola e sociedade e outros” (Vicente & Santos, 2016, p. 8).

Além destes desafios, um bom professor deve planificar as suas aulas e verificar se as suas metodologias e estratégias adotadas são as mais adequadas ao grupo, de forma a potenciar a aprendizagem. Também os valores são bastante importantes. O professor deve ser honesto, solidário, altruísta, justo, atento e “amante do saber e da verdade” (Cardoso, 2013, p. 61). Para além disto, o docente deve despertar o pensamento crítico nos alunos e tal como nos diz o Professor Adriano Moreira este “deve mostrar ao aluno os caminhos (as teorias em confronto, por exemplo), dizer-lhe até o seu ponto de vista, se assim entender, mas depois deve deixar liberdade de escolha ao aluno” (*cit.* por Cardoso, 2013, p. 63), deve ter uma vasta cultura e querer sempre saber mais e estar em constante atualização. Tal como refere o professor António Rebelo de Sousa (*cit.* por Cardoso, 2013, p. 65), um “bom professor é aquele que todos os anos letivos procura inovar os seus programas com as atualizações recorrentes do desenvolvimento da Ciência. Para isto ele tem, naturalmente, de fazer investigação”.

Um professor de excelência deve ser compreensivo, paciente e encorajar os seus alunos a falar quando têm problemas, pois só assim é que terá uma boa relação e conseguir exercer a sua função em pleno. Assim, deve haver uma boa comunicação entre professor e alunos, o que potencializa a aprendizagem e a motivação.

É da responsabilidade do professor motivar os alunos a serem cada dia melhores e a aconselhá-los sobre o que devem fazer para progredir, esclarecer as dúvidas e dar *feedback*, mas também ajudá-los na construção da sua autonomia. Contudo, caso existam alunos desmotivados, o professor terá que “cativá-los ao

máximo para o estudo através de estratégias mais atrativas” (Cardoso, 2013, p. 69), tendo presente que os discentes não são todos iguais, por isso é importante respeitar as diferenças, adaptar as metodologias a todos os alunos e recorrer a um ensino individualizado quando necessário. Todavia, nem sempre é possível isso acontecer. Tal como Estanqueiro (2010, pp. 12-13) menciona,

em escolas massificadas, com turmas demasiado heterogêneas e muitos alunos por turma, o ensino individualizado é uma utopia. Com realismo, os bons professores esforçam-se por conhecer e valorizar as capacidades, os saberes, os interesses, o estilo e o ritmo de aprendizagem dos seus alunos.

Uma outra particularidade de ser professor é o facto de ser necessário ser-se um professor cooperante, no sentido em que não se pode fazer tudo sozinho e por isso, um professor de excelência tem que saber trabalhar em grupo, partilhar a informação com os seus pares, ser dinâmico e demonstrar empatia para com os outros, de forma a chegar ao objetivo principal, que é fazer com que os alunos aprendam. Mas para além de cooperar com outros pares, o docente deve também envolver a família na aprendizagem das crianças, nunca esquecendo,

“que os pais são os principais responsáveis pelas crianças e que são extremamente importantes neste processo. Tendo consciência que a continuidade educativa, a participação e mesmo a colaboração dos pais na vida da escola (visto que compreendem o processo educativo) pode criar uma parceria que facilita o desenvolvimento integral da criança” (Monteiro, 2012, p. 14).

Também as práticas educacionais devem ser inovadoras. Tanto a nível dos meios pedagógicos como às formas pedagógicas de expor a matéria, recorrendo a algum dinamismo, no sentido em que a aula deve ter vários momentos, uns de maior exposição, outros de participação. Mas, o professor só é “capaz de perceber a importância de diversificar estratégias, de arriscar novas atividades e projetos, saindo da sua zona de conforto para procurar novos recursos, executar novas ideias e usar novas ferramentas” (Lima, 2017, p. 54).

O professor deve, por isso, recorrer a diferentes técnicas pedagógicas como *Brainstormings* e Debates, mas também diversos recursos didáticos como o quadro interativo, notícias, *powerpoints*, folhetos, textos, *posters* e gravações de áudio ou vídeo.

Contudo, para além de utilizar estas técnicas e recursos, um bom professor, atualmente tem que saber utilizar as tecnologias. Isto porque a sociedade atual

está constantemente ligada às tecnologias e então, é importante dominar os meios tecnológicos, visto que estes podem e devem ser utilizados em sala de aula. Por exemplo, já em muitas escolas, “o recurso ao *tablet* é uma constante, com uma utilização ajustada ao trabalho a ser realizado” (Gonçalves, 2017, p. 32), permitindo ter acesso a informação que necessitem para as aulas.

Com tudo isto, e tal como foi dito anteriormente, os professores devem ser multifuncionais, ajudando a formação plena do indivíduo, quer no aspeto académico, quer do ponto de vista cívico. O papel do professor não se resume a ser um mero transmissor de conhecimentos científicos. Ele é sobretudo um agente de transformação da sociedade, uma vez que contribui ativamente na construção de cidadãos livres, plenamente conscientes dos seus direitos e deveres e capazes de contribuir para a construção de uma sociedade melhor. Por isso, é “uma classe essencial, mas que, apesar disso, nem sempre tem a valorização e o reconhecimento público que lhes é merecido” (Cardoso, 2013, p. 40).

Para além de todas as condicionantes de ordem externa, que afetam a realidade quotidiana dos docentes, estes também são afetados por múltiplos fatores internos que condicionam a sua prática.

Sabemos que cada aluno é diferente e que dentro da sala de aula existem inteligências múltiplas. Isso dificulta o trabalho do docente, já que dificilmente conseguirá chegar a todos os alunos. Por exemplo, o professor com 25 alunos numa sala, não consegue realizar uma diferenciação pedagógica, pois também tem um programa a cumprir. Além disso, os professores, de uma forma geral são “bombardeados” com trabalho burocrático, que lhes retira tempo para os seus alunos e que não os permite realizar, muitas vezes, recursos e materiais para as suas aulas.

## **2. Relação pedagógica**

A escola é uma instituição que “pode ser pensada como um grande campo de relações humanas” (Cordeiro, 2011, p. 66), já que aqui são desenvolvidas várias relações entre pessoal docente, não docente e alunos. Deste modo, o espaço é

“simultaneamente o lugar físico em que se processa a transmissão intencional do saber e a estrutura de origem cultural que suporta e organiza a relação pedagógica” (Estrela, 1994, p. 37).

A relação pedagógica “pode ser vista como um dos domínios da relação interpessoal desenvolvida entre professor e aluno. A dimensão humana e social destas relações possui características cognitivas e afetivas que são essenciais ao desenvolvimento do aluno” (André, 2007), o desenvolvimento das capacidades e na qualidade da formação académica e pessoal.

Antigamente, os professores só se preocupavam em transmitir os conhecimentos, não se preocupando em motivar os alunos, nem criar laços com estes. Contudo, os docentes da atualidade já não pensam assim. Estes procuram “novos métodos que lhes permitam esta aproximação de modo a, não só, melhorar esta relação, mas também a serem presenteados com realização profissional e a doce sensação de missão cumprida” (Monteiro & Gonçalves, 2019, p. 532). A relação professor-aluno que antes era “fria” e sem qualquer aproximação, hoje é necessário que ultrapasse os limites escolares.

Nos dias de hoje, o professor não é apenas alguém que transmite conhecimentos, com a missão de organizar o acesso ao saber dos alunos, mas alguém que também ensine a saber ser cidadão, fazendo o aluno “perceber o outro; perceber quem está ao seu redor, formando alunos que saibam a importância de respeitar, ouvir, ajudar e amar o próximo” (Andrade, 2010). Mas, para que isso aconteça favoravelmente, é necessário criar a relação pedagógica. Esta relação é desenvolvida “entre pelo menos dois seres humanos, em que um deles procura, de modo mais ou menos sistemático e intencional e nas mais diversas circunstâncias, transmitir ao outro determinados conteúdos culturais (educar), desde os mais necessários à sobrevivência a outros que podem ser da ordem da fruição gratuita” (Amado, 2005, p. 11).

Já segundo Estrela (1994), esta relação apresenta dois sentidos: o sentido amplo e o sentido restrito. “Num sentido lato, a relação pedagógica abrange todos os intervenientes diretos e indiretos do processo pedagógico: aluno-professor, professor-professor, professor-“staff”, aluno-funcionários,

professores-pais... Num sentido restrito, abrange a relação professor-aluno e aluno-aluno dentro de situações pedagógicas” (Estrela, 1994, p. 32).

Por sua vez, e de acordo com Postic (2007), a relação educativa “é o conjunto de relações sociais que se estabelecem entre o educador e aqueles que educa para atingir objetivos educativos, numa dada estrutura institucional, relações essas que possuem características cognitivas e afetivas identificáveis, que têm um desenvolvimento e vivem uma história” (p. 27).

Porém, as dimensões envolvidas na Relação Pedagógica, não são apenas o aluno e o professor. Existem outras dimensões como “o grupo turma, as metodologias, o currículo e a gestão curricular, as atividades de aprendizagem, a escola, o meio familiar” (Morgado, 1999, p. 19). Todas elas contribuem para uma relação pedagógica de sucesso.

Assim sendo, o professor tem um papel muito importante na vida do estudante e, às vezes, nem se apercebe disso. É que a relação que é criada entre estes dois intervenientes vai influenciar o sucesso ou insucesso dos alunos. Ou seja, a relação entre professor e aluno é uma interação que dá sentido à aprendizagem. Se este vínculo desenvolvido for rico, onde haja diálogo, confiança, preocupação e baseado no respeito pela pessoa, naturalmente irá contribuir para que a criança adquira os seus conhecimentos de forma favorável, tendo assim, sucesso escolar.

Quando um professor não demonstra afeto [na] sua relação com os alunos, os exclui, não se sensibiliza e não se preocupa em buscar uma solução para aqueles que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem como a leitura ou a escrita, o aluno conseqüentemente apresentará uma falta de motivação durante todo o processo de ensino e de aprendizagem (Silva & Renk, 2015, p. 8).

Portanto, a relação pedagógica que é estabelecida, é influenciada pela criação de vínculos afetivos de qualidade, que guia todo o processo de ensino-aprendizagem. Esta relação permite que o docente encoraje os alunos a serem capazes e conscientes das suas capacidades, num clima acolhedor e afetivo, baseado no respeito, harmonia e afinidade. Isto beneficia o desenvolvimento global da criança, mas também o desenvolvimento emocional do professor, mediador desta interação.



Em suma, o professor e o aluno são importantes para que esta ligação se desenvolva positivamente. A criação de laços afetivos, o convívio, estima, proximidade, reconhecimento e diálogo são essenciais nesta relação, embora seja a comunicação e o afeto as duas dimensões mais significativas para que isto aconteça.

## 2.1. A comunicação e a relação pedagógica

O professor não é apenas transmissor de conhecimento. Cabe ao professor ter em atenção os seus atos, as suas atitudes e comportamentos, que irão influenciar a aprendizagem dos alunos e a comunicação entre professor-aluno-turma.

“La comunicación es la habilidad social mediante la cual aprendemos y nos relacionamos, y forma parte de nuestra evolución a lo largo de toda la vida” (Santillana, 2018, p. 4). Por outras palavras, a “comunicação é a base da vida em sociedade, uma vez que inclui todos os fatores que permitem as relações entre as pessoas” (Divulgação Dinâmica Formação, 2019, p. 3).

A comunicação é uma “atividade a que todos recorremos nas mais variadas situações. Ela é utilizada quando comunicamos diretamente através da voz, através das tecnologias de informação e comunicação, quando comunicamos à distância, quando utilizamos a escrita, a linguagem corporal, as expressões faciais, etc” (Santos, 2015, p. 25). Ou seja, “é mais do que a língua falada e escrita, engloba toda e qualquer forma de comunicar: olhares, expressões, gestos, posturas, tons de voz e até o próprio espaço” (Santos, 2015, p. 29).

Por isso mesmo, a comunicação é fundamental na atualidade. É a essência do processo de ensino e aprendizagem.

A comunicação efetiva deve ter em conta “el respeto y el entendimiento entre género y culturas, como garantía para establecer relaciones constructivas que repercutan en nuestro bienestar, con nosotros mismos y con los demás” (Santillana, 2018, p. 5).

Sem comunicação os conteúdos não são transmitidos, não é possível avaliar os conhecimentos que os alunos adquiriram, compreender os seus receios, necessidades e conhecê-los individualmente.

“O docente ao comunicar com os alunos transmite uma carga afetiva e emocional. É através desta ligação entre professor e aluno que se estabelece uma relação de proximidade, nomeadamente o entusiasmo e a confiança que facilita a aprendizagem” (Santos, 2015, p. 30).

Assim, para existir uma boa relação entre professor-aluno, é interessante que o docente partilhe os seus objetivos, medos, receios sonhos e realidades, levando os alunos a partilharem também os seus. Além disso, através da comunicação, o professor deve

Intentar ser un modelo para los alumnos en cuanto a la identificación, expresión y gestión de las propias emociones y de las de los demás; practicar la escucha activa en el desarrollo de las actividades propuestas y en general con los alumnos; procurar interesarse y tener curiosidad por descubrir otros aspectos de los alumnos, lo que hará que podamos comprenderlos y ayudarlos mejor a desarrollarse académicamente y como personas; celebrar y reconocer los logros individuales y de grupo para fomentar una actitud de aprendizaje constante (Santillana, 2018, pp. 24-25).

Cabe, também, ao docente “ser capaz de melhorar o seu comportamento comunicacional, exigindo a si próprio a aquisição e desenvolvimento de capacidades comunicacionais, melhorando a interação e o relacionamento com os alunos” (Santos, 2015, p. 30), já que, às vezes, a mensagem que queremos transmitir não é a que chega ao aluno.

Durante esta interação existe um momento de convívio entre os intervenientes. Estes diálogos serão um condutor para uma relação pedagógica favorável, fazendo “com que cada um deles se sinta mais confiante e motivado a desenvolver as suas aptidões em conjunto com os colegas e com a ajuda do educador, numa interação saudável que possibilite a todos os envolventes sentirem-se seguros” (Quintela, 2015, p. 12). Isto mostra que a “linguagem é certamente estruturante da relação pedagógica e tem poderosa influência na aprendizagem dos alunos” (Cordeiro, 2011, p. 72).

‘Assim, quanto mais o/a professor/a compreender a dimensão do diálogo como postura necessária nas suas aulas, maior o avanço na relação com os/as seus/suas alunos/as pois, sentir-se-ão mais curiosos e interessados. Quando o/a professor/a atua nesta perspetiva, ele/a não é visto como um/a transmissor de conhecimentos, mas como alguém capaz de articular as experiências dos/as alunos/as com o mundo (Santos, 2020, pp. 14-15).

Um bom professor dá espaço para que os seus alunos se possam exprimir e opinar, uma vez que é essencial ouvir o que os discentes têm a dizer, e enquanto turma é importante para que sejam criadas “relações dialógicas: relação de abertura ao outro, de partilha de ideias, de humildade, de respeito mútuo, possibilitando um renascer através do movimento que o diálogo produz” (Ranghetti, 2013).

Só que, para além desta comunicação entre turma, o professor também deve dar o *feedback* que os discentes precisam. “O feedback acerca do desempenho do aluno é importante para a correção das práticas dos alunos, e assim o aluno perceberá onde errou e como poderá melhorar o seu desempenho” (Gaspar, 2014, p. 36). Mas, às vezes basta uma crítica para que a relação entre professor-aluno não aconteça e/ou bloqueie o percurso escolar do aluno.

Por isso, é necessário que o professor opte por críticas construtivas, mostrando aos seus alunos como estes podem melhorar, enfatizando as qualidades/capacidades individuais.

Segundo Stern e Payment (1999), existem algumas práticas que incentivam a comunicação no ensino, a saber:

- tratar os alunos pelo nome;
- dar ênfase a diferentes frases, variando a intensidade da voz;
- perguntar aos alunos se é preciso esclarecer alguma dúvida;
- incentivar os alunos a colocarem questões;
- iniciar as aulas de forma diversificada, recorrendo a diversos recursos como música, *powerpoints* e jogos.

Todas estas práticas favorecem a comunicação entre professor e aluno.

Assim sendo, esta comunicação quando estabelecida, permite uma maior proximidade entre os intervenientes, o que pode favorecer a afetividade entre eles. Deste modo, “a relação pedagógica é mais eficaz quando entre professor e aluno ocorre uma comunicação aberta, positiva e construtiva, dando ênfase à ideia base de que a comunicação é o principal pilar para uma boa relação pedagógica” (Santos, 2015, p. 29) e, por isso mesmo, a comunicação e o diálogo são dois elementos imprescindíveis para que a relação pedagógica aconteça.

## **2.2. A dimensão afetiva na relação pedagógica**

Todas as crianças necessitam de atenção e afeto desde que nascem. Quando vão para a escola e estão em contacto com outras pessoas, que não fazem parte do seu meio familiar, estas continuam a necessitar deste afeto e atenção. Por outras palavras, “o afeto é necessário na vida de todos os seres humanos, e não seria diferente na vida escolar do aluno, através da relação professor-aluno” (Santos, s/d, p.1), já que a falta deste interfere, inevitavelmente, na construção da personalidade da criança.

Assim sendo, segundo Magalhães (2011), a afetividade é uma qualidade característica da relação pedagógica e é desenvolvida ao longo da relação que os humanos estabelecem entre si. Magalhães (2011) diz ainda que a afetividade vai-se construindo através de momentos criados pelo educador, fomentando atitudes de respeito mútuas, lealdade, diálogo, atenção, segurança, reconhecimento e justiça (citado por Quintela, 2015, p. 10).

A afetividade está ligada a diversos termos, como a emoção, o sentimento e a atenção, exercendo um papel muito importante nas relações, independentemente de com quem é estabelecida, ou seja, a afetividade é a relação de carinho e cuidado para com alguém íntimo ou querido. A capacidade de empatia, o respeito mútuo e a crença nas capacidades dos outros, são competências básicas essenciais ao desenvolvimento de uma relação pedagógica de qualidade (Sales, 2012).

Deste modo, tal como diz Trindade (2009), a dimensão do afeto indaga sobre o “estatuto que se atribui aos vínculos de tipo afetivo e emocional que o professor e os alunos vão estabelecendo entre si” (p. 59).

Todos os tipos de professor: “professor ingénuo, professor burocrata, professor competente e professor de excelência” (Cardoso, 2013, p. 59), marcam os seus alunos de alguma forma, quer seja por bons ou maus motivos, mas o melhor é marcar os alunos de forma positiva. E, nesse sentido, a dimensão do afeto é bastante importante, já que influencia bastante a relação.

Segundo Lopes & Silva (2015), existem algumas características afetivas que os docentes devem ter em conta, para criarem uma boa relação pedagógica, tais como: empatia, entusiasmo, encorajamento à aprendizagem, adaptação às

diferenças e autenticidade. Estas características permitem ao professor orientar as aprendizagens e facilitar as relações, promovendo assim, um clima favorável. Deste modo, os discentes podem avaliar as suas próprias necessidades e tomar as suas próprias decisões.

Mas a dimensão do afeto nem sempre esteve presente na relação pedagógica. Antigamente, a relação assentava apenas na transmissão do saber e havia um distanciamento entre professor e aluno. Só nos últimos anos é que a afetividade tem sido muito valorizada pelos professores.

Sabemos que no meio escolar, a afetividade é muito importante, principalmente nos primeiros anos de vida, pois a qualidade dos laços afetivos interfere no desenvolvimento físico e cognitivo da criança. Portanto, “a afetividade quando demonstrada em sala de aula, resulta em experiências positivas, trazendo benefícios na aprendizagem do aluno” (Pereira & Gonçalves, 2010, p. 13).

O professor que dá uso à afetividade em sala de aula, para além de formar bons cidadãos, consegue fazer com que seus alunos tenham vontade de ir à escola e de querer aprender, dando continuidade à sua formação.

Segundo van Mannen (1991), um professor que explora a afetividade consegue perceber o humor da turma, detetar problemas, e os alunos veem o docente como alguém a quem podem recorrer para esclarecer dificuldades e pedir conselhos.

Por isso, a afetividade não se esgota na forma carinhosa como o aluno é acolhido diariamente pelo professor, mas sobretudo “no olhar confiante do professor em relação à aprendizagem do aluno que proporciona segurança e equilíbrio entre ambos” (Pereira & Gonçalves, 2010, p. 13). Se por um lado, é importante que o aluno se sinta aceite e acolhido, porque o afeto demonstrado pelo professor para com o aluno terá repercussões na interação deste com todos os outros intervenientes, por outro lado, o professor também precisa de se sentir bem, motivado e realizado, pois desta forma motivará mais os seus alunos e, conseqüentemente, estará mais comprometido com o processo de ensino e aprendizagem (Day et al., 2006).

Desta forma, podemos concluir que o afeto nesta relação tem de ser recíproco.

Está amplamente demonstrado, que o vínculo afetivo sendo favorável irá conduzir à autonomia e ao sucesso das aprendizagens.

Assim, “no ambiente escolar, o professor tem que ser equilibrado emocionalmente, além de dar atenção ao aluno, deve se aproximar, elogiar, saber ouvir e reconhecer o seu valor, acreditando na sua capacidade de aprender e de ser uma pessoa melhor. Essas ações favorecem a afetividade no aluno” (Pereira & Gonçalves, 2010, p. 13-14): “o amor, carinho, compreensão, respeito, amizade, afeto, solidariedade, atenção e companheirismo têm uma forte chance de constituir o núcleo central da representação da afetividade” (Andrade, 2010).

Além disso, o professor demonstra afeto ao mostrar preocupação com o aluno. Concluindo, é necessário promover a afetividade na sala de aula, uma vez que nesta profissão esta dimensão é crucial, pois interfere na maneira como o professor interage com a turma, compreende as emoções dos seus alunos e, ao mesmo tempo, conquista o seu respeito, confiança e reconhecimento.

## **PARTE II – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO**

Após ter sido apresentado o enquadramento teórico que serve de suporte para toda a investigação, é necessário apresentar o estudo realizado.

“Uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 31).

Esta procura vai permitir responder a questões que foram colocadas ao longo de toda a investigação, ou seja, a investigação parte de um problema real e existente com o objetivo de encontrar soluções para o resolver.

Assim, a investigação é “realizada para ocorrer mudança. A transformação da realidade, mais ou menos intensa, é seu objetivo” (Pardal & Lopes, 2011, p. 44).

Deste modo, ao longo deste capítulo será apresentado o estudo realizado com os intervenientes e, posteriormente, os instrumentos de recolha de dados utilizados.

O estudo desta investigação foi realizado em contexto pré-escolar (EPE) e Ensino no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

### **1. Âmbito e objetivos da investigação**

Sempre que se inicia uma investigação, “as questões de uma pesquisa surgem de uma análise dos problemas de quem a pratica em determinada situação, tornando-se então o seu objetivo imediato a compreensão desses problemas” (Bell, 1997, p.21).

Assim, após todo o enquadramento teórico realizado, no qual se insere a temática abordada deste relatório, é importante clarificar todos os objetivos da investigação.

O estudo realizado tem como objetivo principal, perceber qual a visão dos alunos face à relação pedagógica, destacando o que estes mais valorizam para a construção efetiva desta relação. Depois de definido o objetivo da investigação, é importante delinear a metodologia a adotar.

Deste modo, a investigação tem um carácter qualitativo. Este modelo é aberto a todas as formas de investigação, englobando as narrativas profissionais, a

entrevista, estudos culturais, observação direta e registos sendo estes instrumentos fundamentais para uma boa investigação.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), esta modalidade é a mais adequada no âmbito da educação e detém algumas características que são importantes ter em conta:

- O investigador está sempre presente, constituindo o instrumento principal;
- A investigação qualitativa é descritiva, ou seja, os resultados são retirados de citações, de fotografias, vídeos, áudios, documentos pessoais, registos, e não de números;
- Os investigadores tendem a analisar os seus dados de forma indutiva;
- Para esta investigação, os dados de investigação foram recolhidos através de um inquérito por entrevista e análise documental.

## **2. Contexto da Investigação**

Existem documentos que demonstram a orientação educativa e o regime de funcionamento desses estabelecimentos. São eles: Projeto Educativo (documento que consagra a orientação educativa da escola), Regulamento Interno (documento que define o regime de funcionamento da escola) e Plano Anual de Atividades (onde se definem as formas de organização e de programação de atividades).

O acesso a estes documentos, permitiu à estagiária um maior detalhe na caracterização das instituições onde decorreram os estágios em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Sendo duas instituições diferentes, a estagiária optou por fazer a caracterização de cada uma delas, separadamente.

### **2.1. Caracterização da instituição e do grupo em EPE**

A instituição de EPE, contexto em que foi realizado o estudo e o estágio profissionalizante, é uma instituição particular, localizada na Maia, que se encontra em funcionamento desde setembro de 2001 e que contempla todos os



níveis de ensino: creche, pré-escolar, 1.º, 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico e Ensino Secundário.

Iniciou-se com uma população de três dezenas de alunos, distribuídos por Creche e Jardim de Infância. No ano seguinte, abriu a primeira turma de primeiro ciclo de ensino básico e em 2005 abre o segundo ciclo. No ano letivo de 2008-2009 abrem o terceiro ciclo e mais tarde, ampliam as suas instalações para a abertura do Ensino Secundário. Assim, esta instituição desenvolve a sua atividade educativa em três polos diferentes: o Pólo I, onde se encontra a creche e o jardim-de-infância, o Pólo II onde funcionam o 1.º, 2.º e 3.º CEB e o Pólo III onde funciona o Ensino Secundário.

Para realizar a caracterização da instituição foi necessário analisar os vários documentos de elevada importância para o seu bom funcionamento: o Projeto Educativo, o Projeto Curricular de Escola, o Plano Anual de Atividades e o Regulamento Interno. O Projeto Educativo é uma resposta à procura da identidade do colégio, ou seja, um “documento que consagra a orientação educativa da escola, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais a escola se propõe cumprir a sua função educativa” (M.E., Decreto-Lei nº115-A/98, de 4 de Maio, Artigo 3º). O Projeto Curricular de Escola serviu para refletir e clarificar as opções de natureza curricular a seguir por esta instituição; o Plano Anual de Atividades, determina as atividades a realizar ao longo do ano, mais concretamente, é um “documento de planeamento, elaborado e aprovado pelos órgãos de administração e gestão da escola, que define, em função do projecto educativo, os objectivos, as formas de organização e de programação das actividades e que procede à identificação dos recursos envolvidos” (M.E., Decreto-Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio, Artigo 3.º); e, o Regulamento Interno dá a conhecer o funcionamento da instituição, os seus órgãos, estruturas e serviços, e os direitos e deveres de toda a comunidade educativa.

De acordo com o Projeto Educativo (2015-2019), o colégio tem cerca de 1.200 alunos distribuídos pela creche, pré-escolar, ensino básico e secundário. A maioria dos alunos do colégio residem no concelho da Maia, contudo alguns

vivem nos arredores (Matosinhos, Santo Tirso, Valongo, Gondomar e Porto) e são provenientes de famílias de classe média-alta.

Aqui, a família tem um papel muito importante. Para isso, a instituição, estabelece um contacto constante e diversificado entre professores e as famílias dos alunos, proporcionando também a sua participação em diversas atividades educativas.

Além de caracterizar a instituição, é também fundamental caracterizar o grupo em que foi realizada toda a investigação.

A prática pedagógica foi realizada numa sala de 5 anos. O grupo é constituído por vinte e cinco crianças, todas nascidas em 2015, exceto um que nasceu em 2014. Na sala havia treze rapazes e doze raparigas, ou seja, esta divisão estava muito equilibrada. Apesar de o grupo ser constituído por vinte e cinco crianças, apenas vinte participaram no estudo, visto que cinco delas não estavam presentes aquando do desenvolvimento deste trabalho.

A maioria das crianças vive no concelho da Maia, sendo que apenas uma delas vive em Vila Nova de Gaia e todas elas são oriundas de famílias com um nível socioeconómico médio-alto, nível socioeconómico este, a quem é direcionado o colégio, principalmente. A média de idades dos pais situa-se nos 32 anos e as habilitações académicas destes oscilam entre licenciatura e mestrado.

De uma forma geral, as crianças são participativas, curiosas e interessadas. São bastante afetuosas, que gostam de um abraço ou um carinho. A relação com a educadora e com a auxiliar de ação educativa é favorável, embora haja momentos em que o diálogo seja difícil de estabelecer, principalmente em momentos como o acolhimento, uma vez que são crianças inquietas, que precisam de bastante contacto com a Natureza e não conseguem estar muito tempo no mesmo lugar. Já em relação à afetividade esta é constantemente estabelecida entre todos os intervenientes, incluindo com a estagiária.

É, por isso, um grupo que demonstra algumas dificuldades no cumprimento de regras da sala, pois revelam alguma impaciência em aguardar pela sua vez para falar, acabando, muitas vezes, por falarem todos ao mesmo tempo.

Relativamente às áreas de conteúdo, as crianças apresentam facilidade na maioria delas, apesar de três das crianças apresentarem mais dificuldades, a

nível do domínio da Matemática e do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

No que diz respeito ao domínio da Educação Física, as crianças gostam bastante de fazer jogos, cumprindo sempre as regras; dominam movimentos que implicam deslocamentos e equilíbrios como saltar com os dois pés juntos ou só com um pé, correr, rolar e rastejar; e controlam movimentos que implicam perícia e manipulação como receber, pontapear, driblar e agarrar.

Face ao domínio da Educação Artística, o grupo tem prazer em realizar produções artísticas, recorrendo a diversos materiais disponíveis na sala. Além disso têm prazer na realização de teatros e apreciam música, já que, muitas vezes em sala, cantam as músicas que aprenderam com os professores de Música.

Relativamente ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, as crianças falam bastante entre si e com a educadora, apresentando um discurso claro; apreciam o contar de histórias e estão atentos nesses momentos; e, mostram facilidade na consciência fonológica, consciência da palavra e consciência sintática. No entanto, três das crianças do grupo, apresentam mais dificuldades no discurso e são acompanhadas pela Terapeuta da Fala.

Já em relação ao domínio da Matemática, de uma forma geral, as crianças mostram estar desenvolvidas nessa área e manifestam gosto pelas atividades desenvolvidas.

Por fim, na área do Conhecimento do Mundo, o grupo não demonstra qualquer tipo de dificuldade específica, mostrando-se sempre curiosos em saber mais e já dominam muito bem as tecnologias.

Apesar disso, é possível verificar que cada criança é um ser único, com características específicas e, por isso mesmo, existem diferentes ritmos na aquisição dos conhecimentos.

## **2.2. Caracterização da instituição e do grupo em 1º Ciclo do Ensino Básico**

A instituição onde foi realizado o estágio profissionalizante em 1.º Ciclo do Ensino Básico, é uma instituição de ensino particular, situada no concelho de

Matosinhos, que contempla os vários níveis de ensino: berçário, creche, 1.º, 2.º e 3.º ciclo e Ensino Secundário. É constituída por dois polos: no Polo I estão as valências de Creche, Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, e no Polo II está em funcionamento o 2.º e 3.º CEB e ainda o Ensino Secundário. Ambos os polos têm um horário de funcionamento das 7h30 às 19h30, sendo que a componente letiva da escola se desenvolve no período entre as 8h30 e as 17h10.

Esta instituição “iniciou atividade no ano letivo de 2008/2009 e conta com um projeto educativo inovador, orientado para a qualidade e excelência das aprendizagens” (Site da Instituição, 2021). Assim, a instituição é caracterizada por um “projeto educativo de referência, uma grande qualidade do corpo docente, rigor, exigência, modernidade, inovação e excelência” (Site da Instituição, 2021).

Relativamente aos documentos orientadores, a instituição apoia-se em três documentos fundamentais: Projeto Educativo, Regulamento Interno e Projeto Curricular.

O Projeto Educativo da Instituição (2018-2021) é “centrado nos seus alunos, elegendo como grandes finalidades da sua ação: Identidade (Educar cada aluno no desafio da construção da sua identidade), Inclusão (Construir um espaço de inclusão, projeto e permanente desafio), Liderança (Desenvolver o sentido da autonomia e o trabalho colaborativo), Abertura ao mundo (Promover o gosto pelo saber e pela descoberta), Responsabilidade (Formar cidadãos responsáveis, comprometidos e com sentido crítico) e Futuro (Contribuir hoje para a construção do futuro)”.

O Projeto Curricular identifica “os conteúdos a aprender, as capacidades e competências a desenvolver e a estimular, as atividades e as estratégias mais adequadas para atingir aqueles objetivos, os princípios orientadores, os critérios, os indicadores e os instrumentos comuns de avaliação pedagógica a utilizar por todos os docentes” (Regulamento Interno da Instituição, p. 8).

De acordo com as faixas etárias e os vários níveis de ensino a instituição dispõe, para além das atividades curriculares da componente nacional, de atividades curriculares de oferta local: “Expressão Musical, Projeto Integrado de Expressões, Orquestra, Xadrez, Natação, Inglês, Espanhol, *Rockschool*, TIC,

Pensamento Crítico e Oficina de Artes” (Site da Instituição, 2021). E ainda, Programação e Filosofia para Crianças.

Além destas, são muitas as atividades de enriquecimento curricular, que a instituição proporciona, caso os pais queiram que os seus educandos participem, nomeadamente, “Natação, Futebol, Voleibol, Ténis, Ballet, Dança, Karaté, Xadrez, atividades de expressão plástica, robótica e yoga e meditação” (Site da Instituição, 2021).

Por fim, o Regulamento Interno da Instituição (2021-2022), regula toda a ação da escola enquanto organização e de todos os seus agentes na sua ação educativa, definindo: as regras de convivência entre os vários membros da comunidade escolar; o modelo de organização escolar; e as normas gerais de funcionamento (p. 8).

Este documento menciona o papel da família na instituição. “(...) A escola precisa de saber que é uma instituição que complementa a família e não deve ser só um lugar de aprendizagem, mas também um lugar no qual haja continuidade da vida afetiva (...)” (Azcue, 2012, p.32), por isso, no que toca à relação escola-família, esta instituição tem como objetivo estabelecer um contacto constante e diversificado entre professores e as famílias dos alunos. Esta tenta sempre proporcionar a sua participação para que seja integrada em diversas atividades educativas.

No que concerne às características do grupo, o estágio profissionalizante foi realizado numa turma de 3.º ano de escolaridade, constituída por vinte e três alunos, nos quais treze eram do género masculino e dez do género feminino, todos nascidos no ano de 2013.

A maioria dos alunos vivem no concelho de Matosinhos ou nos concelhos vizinhos e todas elas são de famílias com um nível socioeconómico médio-alto, nível socioeconómico este, a quem é direcionado o colégio, principalmente.

De uma forma geral, é uma turma muito participativa, curiosa e interessada. São alunos autónomos, notando-se que são capazes de realizar as tarefas “sozinhos” e que sabem trabalhar a pares e em grupo, cumprindo as regras da sala de aula. Além disso, é um grupo que aceita todos os desafios propostos, mesmo que tenham receio do desconhecido. No entanto, existem duas alunas com mais

dificuldades e menos participativas, que carecem de um maior acompanhamento, por parte da Professora Titular de Turma: uma delas apresenta Dislexia e Défice de Atenção e outra com velocidade de processamento lento.

No que diz respeito às diferentes áreas do conhecimento - nomeadamente Matemática, Estudo do Meio e Português - a turma demonstra, de uma forma geral, que tem facilidade na aquisição dos conhecimentos. Em contrapartida, a turma é caracterizada por um elevado grau de heterogeneidade dado que nela existem alunos com ritmos de trabalho e de aprendizagem díspares. Assim, tornou-se necessária a existência de atividades complementares, para os alunos mais rápidos na realização das atividades propostas.

A área do Português é a favorita dos alunos. A nível da leitura, os alunos não apresentam dificuldades, são bastante autónomos e a maioria lê com entoação adequada. Em relação à escrita, as caligrafias, de uma forma geral, são cuidadas e legíveis. Apesar disso, alguns dos alunos ainda cometem vários erros ortográficos e apresentam dificuldades na construção de textos, principalmente a desenvolver a ideia e na realização de parágrafos e colocação de travessões. A Matemática desperta também grande interesse nas crianças. Aqui, os discentes gostam de explorar diversos materiais didáticos que têm à sua disposição e de resolver problemas. Além disso, estas não demonstram grandes dificuldades nos conteúdos.

Por fim, Estudo do Meio é a área disciplinar em que os discentes apresentam algumas dificuldades, apesar de revelarem bastante interesse e potencialidade. No que toca às áreas de Educação Artística, a turma revela interesse e entusiasmo face à aprendizagem, assim como empenho e capacidade de trabalho. Mais concretamente, a Artes Visuais, os alunos apreciam outros trabalhos como desenhos, fotografias, pinturas e esculturas e manifestam gosto em conhecer e utilizar diversos materiais e técnicas. Já a Expressão Dramática/Teatro, a turma aprecia o mundo do faz-de-conta e a possibilidade de se expressar através do corpo. Por fim, em Música, os discentes demonstram bastante gosto pelos momentos de canto.

### **3. Procedimentos**

Para as crianças, a relação com o educador/professor é fundamental. Se a relação for favorável permitirá, em nosso entender, o sucesso na e da aprendizagem. Além disso, os discentes estarão motivados para aprender, se sentirem uma proximidade com o docente.

Para que tal seja possível, é fundamental que o educador/professor crie uma proximidade com as crianças com quem está a trabalhar desde início. Através de algumas estratégias que se pode utilizar, o professor consegue desenvolver uma relação pedagógica favorável.

Numa situação pré-profissional, e tendo a curiosidade de compreender a importância da relação pedagógica para o sucesso educativo dos alunos, considerou pertinente e interessante investigar sobre o tema e perceber o que as crianças mais valorizam nesta relação.

Assim, tendo em conta o grande objetivo desta investigação – referido anteriormente – numa primeira fase, realizou-se uma revisão bibliográfica, onde foram definidos os temas abordados ao longo da investigação, sendo eles:

- Desafios da Educação Contemporânea;
- Papel do Professor na Educação Contemporânea;
- Influência da Comunicação na Relação Pedagógica;
- Importância da Afetividade na Relação Pedagógica;

Posteriormente, antes da elaboração do primeiro instrumento de recolha de dados, foi feita uma análise dos documentos da Instituição e como forma de caracterizar tanto a instituição como as crianças com quem foi realizado o estudo.

De seguida, decidiu-se que atividades iriam ser realizadas com o grupo, como forma de abordar o tema.

Assim, em contexto de EPE, contou-se uma história que nos mostra tudo que o professor ensina e os momentos que proporciona.

Depois de dar início à abordagem do tema, elaboramos então o primeiro instrumento de recolha de dados, um inquérito por entrevista destinado às crianças. Num segundo momento, as crianças elaboraram um desenho, que consistia em realizar um retrato da educadora e da estagiária.

Já em contexto de 1.º CEB, foram utilizados dois instrumentos para recolha de dados. Numa primeira fase, pensou-se em realizar uma observação não participante, com recurso a grelhas de observação, construídas pela professora estagiária, para que posteriormente se realizasse uma análise dos comportamentos relativos à *performance* pedagógica da Professora Titular de Turma. Assim, analisou-se os comportamentos da docente relativamente à relação pedagógica que estabelecia com os seus alunos. Numa segunda fase, será apresentado aos alunos o livro “A minha professora”, de Maria Inês Almeida com ilustrações de Ângela Vieira (utilizado também em contexto de EPE), para seguidamente realizarem um texto em que falem da sua professora, destacando o que mais gostam e valorizam na relação que mantêm.

Com isto, será possível analisar o que mais valorizam as crianças de pré-escolar e os alunos de 1.º Ciclo do Ensino Básico, na relação pedagógica que é estabelecida entre professor e aluno.

#### **4. Instrumentos de recolha e tratamento dos dados de investigação**

Um dos aspetos mais importantes e imprescindível de um trabalho de investigação é a recolha de informação. Esta recolha é, sem dúvida, fundamental para encontrar respostas para o que queremos estudar e para posteriores conclusões relativas aos objetivos do trabalho de investigação.

Para a recolha de dados, existe uma grande variedade e diversidade de instrumentos e, por este motivo, cabe ao investigador ser capaz de selecionar os que melhor respondem aos objetivos da investigação, de forma a captar a informação essencial e o mais completa possível.

Tendo em conta os objetivos de estudo, recorreu-se, como instrumentos de recolha de dados, ao inquérito por entrevista e às representações gráficas das crianças, em contexto de EPE e, observação não participante e produção de um texto realizado pelos alunos, em contexto de 1.º CEB.



## **4.1. Instrumentos de recolha utilizados em EPE**

Com as crianças do estágio em EPE, a recolha de dados foi dividida em três momentos. Num primeiro momento, foi realizada uma hora do conto, em que a estagiária leu a história “A minha professora”, de Maria Inês Almeida com ilustrações de Ângela Vieira. Esta história foi adaptada pela estagiária para o grupo de crianças e permitiu iniciar a abordagem do tema. Num segundo momento foi realizado em grande grupo, uma entrevista. Numa terceira fase, foi pedido a cada criança que fizesse um desenho a retratar a educadora e a estagiária.

### **4.1.1. Inquérito por entrevista**

As entrevistas são o instrumento de recolha de dados mais utilizado nas investigações qualitativas.

Tal como referem os autores Bodgan & Biklen (1994), a entrevista é “uma conversa informal” (p.134), que permite recolher “informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados” (Quivy & Campenhoud, 1998).

Geralmente, este tipo de estudo, o inquérito por entrevista, é “uma conversa entre um entrevistador e um entrevistado que tem o objectivo de extrair determinada informação do entrevistado” (Moser & Kalton cit. por Bell, 1997, p.118).

O inquérito por entrevista tem como grande vantagem a sua adaptabilidade. Contudo, existem três tipos de entrevista: não estruturada, estruturada e semiestruturada. E nem todos permitem esta adaptação ao realizar as questões. Assim sendo, após analisar cada tipo de entrevista, optou-se por realizar uma entrevista semiestruturada. A entrevista semiestruturada “não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas possíveis. Geralmente, o investigador dispõe de uma série de perguntas-guia, relativamente abertas, a propósito das quais, é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 192).

Assim, a entrevista permite ao entrevistado, a possibilidade de se expressar com uma certa liberdade. O guião é adaptável à receptividade do próprio entrevistado, numa conversa, moderada pelo entrevistador.

Neste percurso investigativo, a entrevista foi dirigida às crianças do grupo onde foi realizado o estágio profissionalizante.

Para a entrevista foram realizadas quatro perguntas, sendo que a primeira dizia respeito à história que as crianças ouviram, como forma de se familiarizarem sobre o tema.

Estas perguntas serviram de guião para perceber o que as crianças mais valorizam na relação que mantêm com a educadora e também com a estagiária. A entrevista foi realizada com 20 crianças do grupo, sendo que os outros estavam doentes, na presença da educadora e da assistente operacional. Por vezes foi necessário chamar as crianças a intervir, já que algumas delas não têm tanta à vontade para fazer em público.

Para a entrevista foi utilizado um gravador de áudio e, posteriormente, transcreveu-se a entrevista.

#### **4.1.2. Representações gráficas das crianças**

No final das perguntas, foi solicitado às crianças a realização de um desenho da educadora e da estagiária. Tal permitiu que as crianças tivessem um papel ativo durante a presente investigação.

O desenho é uma maneira de expressão que o indivíduo usa desde a infância. Por norma, é a primeira forma de expressão com a qual as crianças se expressam, quando começam a ter contacto com diversos materiais.

Ao longo do tempo, os desenhos vão mudando e são o espelho das suas vivências, daquilo que as crianças conhecem e sabem, refletem coisas ou situações que tiveram mais significado para elas e também o que elas veem.

De acordo com Canavarro e Pinto (2012), todos nós “usamos representações constantemente e nos múltiplos contextos com que lidamos no nosso dia-a-dia, sendo através delas que conseguimos tanto raciocinar sobre ideias, como dar visibilidade ao que pensamos” (p. 53). Existem vários tipos de representações, contudo neste estudo foram utilizadas representações gráficas.

Segundo Ponte e Velez (2011), representações gráficas “são caracteres, símbolos, configurações pictóricas ou mesmo objectos que representam alguma ideia, objecto, ou relação matemática” (p. 12).

Além disso, de acordo com Ponte e Serrazina (2000), as representações podem ser convencionais ou não, podendo incluir desenhos, figuras, dramatizações e outras formas de representação.

Nesta investigação, recorreu-se à representação gráfica, que se tornou importante para o estudo, como forma de se perceber como é que estas veem a educadora e a estagiária que os acompanhou ao longo de todo o processo.

## **4.2. Instrumentos de recolha utilizados em 1.º CEB**

Em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico, a investigação aplicada na turma de estágio, consistiu em dois momentos distintos. Primeiramente, foi realizado uma observação não participante, para conhecer como é a relação pedagógica entre a professora e os alunos, desta turma em concreto. Mais tarde, realizou-se um segundo momento, dividido em duas partes. Numa primeira parte, tal como aconteceu em contexto de EPE, a estagiária leu a história “A minha professora”, de Maria Inês Almeida com ilustrações de Ângela Vieira. Posteriormente, foi pedido aos alunos que realizassem um texto, em que referissem o que mais gostam na Professora Titular de Turma e como é a relação entre eles.

### **4.2.1. Observação não participante**

A observação “é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos” (Afonso, 2005, p. 91). De acordo com Morgado (2012, p. 88), as modalidades mais utilizadas no campo da investigação em educação, são a observação participante e a observação não participante.

Assim, para esta investigação, foi utilizada a observação não participante. Na observação não participante “o investigador limita[-se] a observar e recolher informações, não interagindo com o grupo em estudo” (Morgado, 2012, p. 91).

A observação realizada, surgiu no seguimento da aplicação de grelhas de observação, que tinham como objetivo de “registar a observação da frequência e da progressão de determinados comportamentos previamente selecionados”

(Veríssimo, 2002, p. 67), nomeadamente nos comportamentos relativos à *performance* pedagógica da professora.

#### **4.2.2. Produções Escritas dos alunos**

Tanto a Escrita como a Leitura são fundamentais na vida do ser humano, pois são dois processos que nos permitem comunicar uns com os outros. Estes dois processos estão interligados. De acordo com Silva (2013) “ninguém pode negar que a leitura funciona como uma mais-valia no desenvolvimento da escrita, também parece ser inegável que a escrita é um poderoso contributo para a aprendizagem da compreensão leitora” (p.13), pelo que uma e outra são indissociáveis. Isto porque quanto mais se lê, mais vocabulário adquirimos, o que permite uma maior facilidade e destreza na escrita.

Se estas competências forem bem desenvolvidas, não só em contexto escolar, mas também em contexto familiar, tornam o indivíduo mais culto e capaz de intervir perante qualquer tema. Para isso, desde tenra idade estas competências têm de ser estimuladas.

Especificamente a área da escrita, foi utilizada como forma de manter documentado aquilo que era dito oralmente. Através da escrita, os indivíduos transmitem opiniões, pensamentos e sentimentos, utilizando um código dominado por si e pelos outros (Rebelo, 1990, cit. por Machado 2012, p.8). Mas um texto deve ter certas características, para que se consiga ler e interpretar corretamente a mensagem que se quer transmitir.

Assim, sendo a escrita essencial para a vida, torna-se fundamental que seja desenvolvida logo desde tenra idade, para que à medida que os alunos avançam no ano de escolaridade, vão aperfeiçoando a sua técnica de escrita.

Esta parte da investigação, apesar de estar programada para os 23 alunos da turma em questão, apenas 20 realizaram as produções escritas.

## **PARTE III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DE INVESTIGAÇÃO**

No presente capítulo, serão apresentados os dados de investigação relativos ao inquérito por entrevista realizado ao grupo de crianças de EPE e os desenhos que estes fizeram da educadora e da estagiária. Também serão apresentados os dados relativos à observação não participante e às produções escritas realizadas pelos alunos, em contexto de 1ºCEB.

Como referem os autores:

a análise de dados é um processo de busca e de organização sistemático de transcrições (...), de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar (...) aquilo que encontrou. A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização (...), síntese (...), descoberta dos aspectos importantes (...) (Bogdan & Biklen, 1994, p. 205).

Nesta análise estarão contempladas reflexões acerca dos dados recolhidos através da gravação de áudio, das produções gráficas das crianças, das observações realizadas e das produções escritas, que serão apresentados e analisados pela ordem de acontecimentos.

### **1. Dos dados do Inquérito por Entrevista**

Tal como já foi dito anteriormente, para dar início à entrevista, foi lido às crianças a história “A minha professora”, de Maria Inês Almeida, com ilustrações de Ângela Vieira (Anexo I). Esta história foi adaptada para o grupo de crianças e permitiu iniciar a abordagem do tema.

Assim, foram realizadas quatro perguntas às crianças do grupo dos 5 anos de EPE (Anexo II).

A estas perguntas foram obtidas diversas respostas (Anexo III).

Quando questionados se achavam que os alunos da professora retratada na história, gostavam dela, as crianças demonstraram desde logo um grande entusiasmo e interesse em responder. De imediato, todas as crianças responderam afirmativamente (“Sim!”). Então, perguntou-se o motivo e obtiveram-se diversas respostas: “ela era muito boa com eles”, “ela ensinava

muitas coisas que eles ainda não sabiam”, “ensinava sempre coisas novas todos os dias”, dava “abraços” e ajudava “a fugir do monstro e a enfrentar os medos”.

No seguimento da questão anterior, questionou-se às crianças se estas gostavam da educadora delas e o porquê. Assim, todas as crianças, sem exceção, revelaram gostar da educadora. Destaca-se o “Sim!”, “Eu adoro!”, “Eu não adoro, eu amo!” e “Eu adoro até ao infinito”. Em relação à razão pela qual têm um carinho especial pela educadora, estas destacaram o facto da educadora ser “muito divertida”, dar “abraços”, “ensina[r] muita coisas gira” e porque “planeia coisas que todos gostam”.

Sabemos que se as crianças gostam da sua educadora. Tal sentimento, deve-se ao facto da docente partilhar bons momentos com eles. Deste modo, foi intenção saber o que as crianças mais gostavam de fazer com a educadora. Foram dadas diversas respostas, sendo que a mais dada pelas crianças foram “atividades”, “ginástica” e “experiências”. Alguns meninos ainda mencionaram que gostam de fazer tudo com a educadora.

Por fim, a última pergunta serviu para perceber o ponto de vista das crianças em relação à estagiária. A relação pedagógica entre estagiária e crianças foi estabelecida desde o início do estágio. Deste modo, foi importante saber a opinião das crianças. Estas destacaram que gostam bastante da estagiária - “gosto também de ti” - porque “lê histórias”, faz “atividades divertidas”, “muitas atividades giras e isso faz com que eu me sinta bem”, dá “miminhos” e “as experiências”.

Posto isto, verifica-se que, de uma forma geral, para as crianças esta relação com a educadora e estagiária é muito importante. Contudo, não é apenas com estas duas intervenientes, já que durante a realização das perguntas, as crianças mencionaram a assistente operacional da sala, que já as acompanha há muito tempo.

Nesta relação, as crianças destacam a importância do afeto e de como o carinho é fundamental para eles. Sabemos que o afeto na educação é bastante importante, não só nesta faixa etária, mas sim em todas. Contudo, nos primeiros anos, a afetividade é crucial para as crianças. Se existir afetividade, isso irá influenciar positivamente as aprendizagens.

Também as aprendizagens são muito mencionadas pelas crianças. Para elas, aquilo que aprenderam tanto com a educadora como com a estagiária são valorizadas e fundamentais. Estas são crianças curiosas, com imensa vontade de aprender e as atividades realizadas serviram para isso mesmo.

É de realçar que o educador deve, por isso, recorrer ao afeto, proporcionando momentos em que acaricie as crianças, as abrace, mas também, proporcione aprendizagens significativas.

## **2. Dos dados das representações gráficas**

Para dar continuidade ao tema, foi então pedido às crianças que representassem a educadora e a estagiária, tal como as viam. (Anexo IV)

Todas elas revelaram entusiasmo com a atividade sendo que apenas uma minoria parava para olhar para os trabalhos das outras crianças e não realizava a sua. Até as crianças que quase nunca se dirigiam para a área dos desenhos mostraram gosto pela atividade.

De uma forma geral, as crianças realizaram o seu desenho sem dificuldade, cada uma a seu ritmo. No decorrer da atividade, enquanto algumas crianças estavam concentradas no seu trabalho, outras interagiram mais com os seus colegas, para se ajudarem.

Da análise dos desenhos das crianças sobre a educadora e a estagiária consideramos as seguintes categorias emergentes: “a educadora” e “a estagiária”. Foi possível identificar como subcategorias relativas às propriedades formais dos desenhos: “figura humana”, “cor”, “vestuário” e “adereços”.



Figura 1: Desenho feito pela T.



Figura 2: Desenho feito pela I.

Nas figuras 1 e 2 é possível verificar a educadora e a estagiária. Em ambas, verificamos a noção das crianças em relação à altura e na cor do cabelo, que usaram como forma de distinção. O que os diferencia é que no desenho da figura 2 as cores dizem respeito à realidade.

Também as subcategorias “espaço” e “local” foram possível identificar nalguns desenhos realizados.





Figura 3: Desenho feito pela C.



Figura 4: Desenho feito pelo D.

Nos desenhos das figuras 3 e 4, os meninos para além de representarem a educadora e a estagiária, ilustraram também o colégio, local que frequentam e onde estão diariamente.

### **3. Dos dados da observação não participante**

Como foi referido anteriormente, no decurso desta investigação, um dos instrumentos utilizados foi a observação não participante. Concretizaram-se duas observações, recorrendo a grelhas de observação, criadas pela professora estagiária (Anexo V). Com a utilização deste instrumento de investigação foi

possível analisar os comportamentos do professor cooperante com os seus alunos.

### **3.1. Da primeira observação**

A primeira observação (Anexo VI) foi realizada depois da introdução de um conteúdo novo, lecionado pela professora estagiária.

Foi notório e evidente a preocupação da professora cooperante em perceber se os alunos tinham entendido a matéria. Sendo assim, decidiu realizar uma revisão através da realização de exercícios.

Do que se pretendia observar, verificou-se que a docente fez uma breve revisão do que tinha sido lecionado na aula anterior.

No início da aula, a professora não comunicou aos alunos os objetivos, no entanto esta organizou a aula, de forma a que os objetivos estabelecidos estivessem relacionados com as atividades.

Envolveu sempre os alunos nas diferentes etapas da aula, incentivando à participação de todos e tem como prática corrente chamar os alunos pelo nome. Recorreu frequentemente ao reforço positivo, principalmente ao elogio, nomeadamente com uma aluna que está constantemente desatenta, mas também forneceu bastante *feedback* aos seus alunos durante a realização dos exercícios em grande grupo, como por exemplo, “Muito bem!”, “Boa!”, “Isso mesmo!”, “Dá mais cinco”. O *feedback* acerca do desempenho do aluno é importante para a correção das práticas dos alunos, pois permitirá que o aluno perceba onde errou e como poderá melhorar o seu desempenho. Mas este não é o único tipo de *feedback* que existe. Como nos dizem Cadima, Leal e Cancela (2011), sustentados em Shute (2008), “o tipo de *feedback* que os professores fornecem aos alunos parece ser igualmente essencial para a aprendizagem, e para a aquisição de competências, podendo em particular, contribuir para a motivação, ao apoiar o envolvimento continuado no processo de aprendizagem” (p. 15).

Mostrou sempre capacidade para atender às diferentes necessidades dos alunos, esclarecendo todas as dúvidas e criou empatia com os discentes, através de exemplos significativos para eles. Verificou-se também que mudou

de estratégia para perceber se os alunos tinham, de facto, percebido os conteúdos.

Na aula em questão, estava a ser abordada a numeração romana e a professora titular de turma utilizou o humor para que os alunos aprendessem mais facilmente. Por exemplo, para que os alunos não se esquecessem como era o 20 em numeração romana (XX: xis-xis), a professora disse que agora quando eles quisessem ir à casa de banho podiam dizer: “Professora, posso ir fazer um 20?”. Na altura todos os alunos se riram, mas colocaram em prática.

É hábito da professora titular deslocar-se e circular pela sala, enquanto fala com o grupo. Além disso, foi notório o estabelecimento de uma comunicação empática, olhos nos olhos e com um discurso ao nível dos alunos.

Nesta aula verificou-se, o uso efetivo de mais recursos, para além do tradicional quadro, como por exemplo, o quadro interativo e o manual.

Constatou-se que esta professora promoveu a integração dos alunos e adotou regras de convivência, colaboração e respeito. Além disso, revela capacidade de gestão de conflitos. Por exemplo, um aluno sem pedir emprestado, tirou um lápis do estojo do colega do lado, o que provocou uma discussão em sala. A professora, assim que se apercebeu do que estava a acontecer, agiu tentando perceber o que tinha acontecido e apelou de seguida, para a solidariedade entre os discentes.

Posto tudo isto, em nosso entender, o ambiente escolar é seguro, acolhedor e favorece a aprendizagem de todos os alunos.

### **3.2. Da segunda observação**

A segunda observação (Anexo VII) foi realizada na introdução de um novo conteúdo de Estudo do Meio.

A professora iniciou a aula com a realização de uma estratégia já utilizada, para que os alunos acalmem depois de virem de um intervalo. De seguida, informou os alunos sobre as intenções desta aula.

Na gestão da sala, além do indicador supramencionado, não se verificou a referência ao que foi lecionado na aula anterior, por esta não dar continuidade,

nem o fecho da aula com uma discussão sobre o que foi abordado, por falta de tempo. Além disso, apesar de ser uma aula mais expositiva, a professora tentou envolver os alunos ao longo da aula, através de perguntas.

Promoveu um clima favorável na sala de aula, utilizando sempre o nome dos alunos; movimentou-se sempre pela sala e utilizou gestos enquanto comunicou com os alunos; e estabeleceu uma relação empática e afetiva com os alunos. No entanto, ao contrário do que aconteceu na outra aula observada, a docente não deu uso ao humor para chegar aos alunos, nem utilizou o reforço positivo. No que concerne ao aproveitamento acadêmico, a docente incentiva à autonomia dos seus alunos; encorajou-os a refletir acerca das características dos três estados da água, por exemplo ao perguntar aos alunos “Qual é o estado da matéria que pode mudar de forma e de volume?”, pois ao questioná-los permite que reflitam e tenham uma opinião; e utilizou outra estratégia (por exemplo, os vídeos da Escola Virtual), quando constatou que um certo número de alunos não estavam a compreender a informação dada.

Assim, com estas duas observações constatamos que, nem sempre as aulas ocorrem da mesma forma.

#### **4. Dos dados das produções escritas dos alunos**

Inicialmente, foi lido aos alunos a história “A minha professora”, de Maria Inês Almeida, com ilustrações de Ângela Vieira, já utilizado em contexto de EPE, para que a atividade proposta, a produção escrita, fosse realizada com mais facilidade.

A turma em questão apresenta algumas dificuldades na escrita, tanto a nível de criatividade como a nível de ortografia. No entanto, no tema em questão, essas dificuldades não foram muito sentidas.

Em relação aos textos elaborados pelos alunos (Anexo VIII), as ideias foram muito semelhantes.

Nas produções escritas dos alunos que participaram neste estudo, as crianças destacam algumas das características da professora, que valorizam: exigente, bonita, amiga (“Ela é muito minha amiga” – M.P.) e querida, fofa, inteligente, simpática e divertida (“boa a fazer piadas” – M.).

Além disso, todos eles mencionam o que mais gostam de fazer com a professora titular, destacando as mensagens, as visitas de estudo (algo que devido à situação pandémica que atravessamos ao longo destes dois anos, apenas aconteceu este ano) e aprender coisas novas (um dos alunos menciona no seu texto: “Sem ela não sabia o que sei.” – N.). Ademais, é de salientar que, muitos dos alunos gostam também de fazer oficinas (uma das atividades que já estão habituados a fazer), jogos (como por exemplo, o “Quem quer ser milionário” e o “Gira e volta ao lugar”), fichas e experiências.

Existem também dois alunos, que uma vez por semana têm sala de estudo com a professora e manifestam o seu agrado relativamente às atividades que fazem e aos momentos que passam aí.

Não podemos ficar indiferentes à importância que os discentes dão ao facto de a docente os ajudar quando têm dificuldades e dúvidas em algum conteúdo ou assunto. Podemos verificar através das frases “ela ajuda-me sempre que preciso (M.B.)” e “ajuda quando nós mais precisamos (T.)”.

Além disso, quase todos os alunos destacam os abraços como algo que eles apreciam (“abraços é o melhor de tudo” – M.P.).

Concomitantemente, apesar dos abraços, uma das crianças refere que “às vezes zanga-se connosco, mas é para o nosso bem” (M.A.), mostrando consciência de que às vezes é preciso chatear, reclamar com eles para que mudem de atitude e sejam cada vez melhores.

Depois de tudo isto, verificamos que os estudantes gostam bastante da professora. Percebemos isso através de algumas informações dos textos:

“professora favorita (M.B.)”

“boa professora” (V.)

“é a melhor professora que alguém poderia ter” (S.L.)

“melhor professora do mundo” (F.F.)

“Eu adoro a minha professora.” (J.A.)

“A E. é a melhor!” (M.).

## **PARTE IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este relatório de estágio culminou na construção de vários saberes. Ao longo da presente investigação e através da concretização do decorrente estudo, foi possível aprofundar a temática, mais concretamente o que se valoriza nesta relação. Para Gonçalves (2008), “não se educa sem paixão, sem desejo, sem envolvimento total” (p.71) e, por isso, o professor deve, não só pensar nas estratégias de ensino, mas também deve focar-se na relação que estabelece com os seus alunos, pois também é fundamental para o sucesso educativo.

Desta forma, os estágios que integram a Prática de Ensino Supervisionada, em contexto de Pré-Escolar e 1º CEB, permitiram constatar como é instituída esta relação, mas também compreender as opiniões dos principais envolvidos na relação pedagógica: os alunos.

Tanto em contexto de EPE, como em contexto de 1º CEB, as opiniões dos alunos são muito idênticas, claras e esclarecedoras relativamente ao que valorizam mais na relação que é estabelecida entre eles e o professor(a). Apesar de terem perceção que o professor deve impor regras e limites no seu dia a dia e lecionar os conteúdos, os alunos valorizam bastante a preocupação que o docente demonstra e a proximidade que estabelece entre eles, ou seja, acima de tudo, valorizam a afetividade. Esta “possui elementos de consciência, de valores, de compromisso, de componentes simbólicos. Vinculada à percepção, estimula as estruturas cognitivas, favorecendo a construção do conhecimento científico” (Cavalcante, 2001, p. 8).

Relativamente à observação realizada em 1.º CEB, permitiu-nos verificar de que forma a relação pedagógica estava presente no quotidiano escolar da docente. Aferiu-se, entre outros elementos importantes na relação e que foram enumerados ao longo de toda a investigação, a importância que a docente dá ao facto de tratar todos os alunos pelo nome, esclarecer todas as dúvidas existentes, permitir que se façam ouvir e, indo de encontro ao que as crianças identificam como importante, a docente reconhece a importância dos afetos, o que foi visível ao longo de todo o período de estudo.

Concluimos assim, que um dos princípios mais importantes para a construção de uma relação pedagógica saudável, efetiva e cuidadosa passa por respeitar o aluno, valorizá-lo, e, compreendê-lo na sua individualidade.

Em investigações futuras, é nossa pretensão investigar outros contextos, novas instituições, no sentido de confirmar e/ou comparar os resultados obtidos nestes casos particulares, onde verificamos a importância atribuída à relação pedagógica que se fomenta entre professor e aluno.

O ambiente de aprendizagem, mais propriamente a relação existente entre os membros que se englobam no processo de aprendizagem e ensino, é determinante para o sucesso educativo. Verificamos que um ambiente seguro e tranquilo, no qual a convivência saudável ocupa lugar de destaque é favorável ao bom desenvolvimento de competências pessoais e sociais nas crianças e, por conseguinte, à condução de uma boa aprendizagem. Também são de salientar os discursos que evidenciam mudanças no ensinar e no aprender, em consequência da transformação das salas de aula convencionais em ambientes de aprendizagem que promovam a cooperação e, conseqüentemente, as relações interpessoais positivas.

Um docente deverá estar preparado para assumir o compromisso de promover um dos princípios identificados pela UNESCO como grande desafio para o século XXI: “Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros” (Delors et al., 1998, p. 96).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação – um guia prático e crítico*. Fundação Manuel Leão.
- Amado, J. (2005). *Observação e análise da relação pedagógica: Relatório de disciplina — Concurso para Professor Associado*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Andrade, M. (2010). *Afetividade e Aprendizagem: Relação professor e aluno*. Consultado em 15/03/2021, <https://administradores.com.br/artigos/afetividade-e-aprendizagem-relacao-professor-e-aluno>
- André, M. (2007). *A dimensão afectiva na relação pedagógica: representações dos alunos dos 2º e 3º ciclos do ensino básico*. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa. Disponível em: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/27634/1/ulfp029459\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/27634/1/ulfp029459_tm.pdf)
- Azcue, J. (2012). *A Escola Onde Se Aprende*. Principia Editora.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação: um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*. Gradiva.
- Bodgan R., Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Cadima J., Leal T. & Cancela J. (2011). *Interações professor-aluno nas salas de aula no 1.º CEB: Indicadores de qualidade*. Revista Portuguesa de Educação, 24 (1), 7-34. <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/3039/2456>
- Canavarro, A., & Pinto, M. (2012). *O raciocínio matemático aos seis anos: Características e funções das representações dos alunos*. Quadrante, 21(2), 51-79. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/8044/1/Canavarro%26Pinto%20Quadrante2012.pdf>
- Canavarro, J., Pereira, A. & Pascoal, P. (2001). *Diferenciação Pedagógica*. Escola Superior de Educação João de Deus.
- Cardoso, J. (2013). *O professor do futuro*. Guerra e Paz Editores.
- Cardoso, J. (2019). *Uma nova escola para Portugal*. Guerra e Paz Editores.

- Cavalcante, R. (2001). *Educação Biocêntrica: um movimento de desconstrução dialógica*. Edições CDH.
- Cordeiro, J. (2011). *A relação pedagógica*. In: *Universidade Estadual Paulista. Pós-graduação. Caderno de Formação: formação de professores didática geral*, v.9, 66-79, <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/583/1/01d15t04.pdf>
- Day, C., Stobart, G., Sammons, P., Kington, A., Gu, Q., Smees, R. & Mujtaba, T. (2006). *Variations in teachers' work, lives and effectiveness*. Department for Education and Skills.
- Delors, J., Al-Mufti, I., Amagi, I., Carneiro, R., Chung, F., Geremek, B., Gorham, W., Kornhauser, A., Manley, M., Quero, M., Savané, M., Singh, K., Stavenhagen, R., Suhr, M. & Nanzhao, Z. (1998). *Educação: um tesouro a descobrir*. Cortez Editora.
- Divulgação Dinâmica Formação. (2019). *Chaves da Comunicação*. Sevilha: Divulgação Dinâmica (texto policopiado).
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação – O papel dos professores*. Editorial Presença
- Estrela, M. (1994). *Relação Pedagógica, disciplina e indisciplina na sala*. Porto Editora.
- Flores, P. & Escola J. (2011). *Boas práticas: conceito e experiência no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. In: Fernández, X. & Rodriguez, X. (Coord.), *A fenda dixital: as TIC entre a escola e a comunidade* (pp. 215-224), Editorial Santiago de Compostela.
- Folha, I. (2012). *A Importância da Solidariedade no Ambiente Escolar: uma Vivência Pedagógica* (Monografia de Licenciatura em Pedagogia). Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/4993/1/2012\\_laraBatistaFolha.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/4993/1/2012_laraBatistaFolha.pdf)
- Gaspar, R. (2014). *O feedback na organização e gestão do processo de ensino e de aprendizagem* (Dissertação de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico). Universidade de Aveiro, Aveiro. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/14487/1/O%20feedback%20na%20organiza>

[ção%20e%20gestão%20do%20processo%20de%20ensino%20e%20de%20aprendizagem.pdf](#)

Gonçalves, A. (2008). *Educar para transformar: reflexão em torno de um percurso formativo*. Cadernos de Estudo, (7), 71-77. Disponível em [http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/944/2/Cad\\_7EducarparaTransformar.pdf](http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/944/2/Cad_7EducarparaTransformar.pdf)

Gonçalves, D. (2017). *Col·legi Mare de Déu dels Àngels: (Trans)Formação educativa ao serviço da condição Humana*. In J. Alves & I. Cabral (Orgs.), Uma Outra Escola é Possível - Mudar as regras da gramática escolar e os modos de trabalho pedagógico (pp. 29-38). Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa. Disponível em: <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2451/1/OutraEscola.pdf>

Heacox, D. (2006). *Diferenciação Curricular na sala de aula: Como efetuar alterações curriculares para todos os alunos*. Porto Editora.

Lima, R. (2017). *A Escola que temos e a Escola que queremos*. Manuscrito.

Lopes, J. & Silva, H. S. (2015). *O Professor faz a diferença*. Grupo LIDEL.

Machado, S. (2012). *A escrita criativa no 1.º Ciclo*. (Dissertação de Mestrado em Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico). Escola Superior de Educação, Beja.

Magalhães, S. (2011). *Relação Pedagógica, afetividade, sensibilidade: Pressupostos transdisciplinares para a formação docente*. Educação e Fronteiras On-Line, 1, (3), 51-63. <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/13236/5/Artigo%20-%20Solange%20Martins%20Oliveira%20Magalhães%20-%202011.pdf>

Monteiro, J. (2012). *Desafios de uma profissionalização docente em educação pré-escolar e ensino no 1º ciclo do ensino básico* (Dissertação de Mestrado em Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico). Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto. Disponível em: [http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/1176/4/TM-ESEPF-PE1\\_2012\\_RELATORIOJOANAMONTEIRO.pdf](http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/1176/4/TM-ESEPF-PE1_2012_RELATORIOJOANAMONTEIRO.pdf)

- Monteiro, J. M. & Gonçalves, D. (2019). *(Re)Equacionar a relação pedagógica na educação contemporânea*. In C., Leite & P. Fernandes (Coord.), Atas do II Seminário Internacional Currículo, Avaliação, Formação e Tecnologias educativas (CAFTe): Contributos teóricos e práticos (pp.530-543). FPCEUP/CIIE. Disponível em: <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2818/1/CAFTe2019ReEquacionar.pdf>
- Morgado, J. (1999). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão*. Presença
- Morgado, J. (2012). *O Estudo de Caso na Investigação em Educação*. De Facto Editores.
- Nogueira, J. L. (1998). *Didáctica da Educação Tecnológica*. Universidade Aberta
- Pardal, L. & Lopes, E. S. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Areal Editores
- Pereira, M. & Gonçalves, R. (2010). *Afetividade: Caminho pada a aprendizagem*. Revista Alcancead, 1, (1), 12-18. <https://docplayer.com.br/18440848-Afetividade-caminho-pada-a-aprendizagem.html>
- Ponte, J. P., & Serrazina, M. (2000). *Didáctica da Matemática do 1.º ciclo*. Universidade Aberta.
- Ponte, J. P., & Velez, I. (2011). *Representações em tarefas algébricas no 2º ano de escolaridade*, 1, (59), 53-68. [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6559/1/11-Ponte-Velez%20Boletim\\_Gepem\\_2011.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6559/1/11-Ponte-Velez%20Boletim_Gepem_2011.pdf)
- Postic, M. (2007). *A relação pedagógica*. Padrões Culturais Editora.
- Quintela, T. (2015). *A Relação Pedagógica no Pré-Escolar: Perspetivas de profissionais* (Dissertação de Mestrado em Educação Pré-Escolar). Instituto Superior de Educação e Ciências, Lisboa. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/20265/3/TERESAQUINTELA.pdf>
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva
- Ranghetti, D. (2013). *Relação Pedagógica: espaços/tempos/movimentos de aprendizagens, construções e afetos*. Revista Interdisciplinaridade, 1 (3), 27-37.

<https://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade/article/view/16785/12546>

Revista Prosa, Verso e Arte. (s/d). *“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo” – Nelson Mandela*. Consultado a 03/06/22, <https://www.revistaprosaversoarte.com/a-educacao-e-a-arma-mais-poderosa-que-voce-pode-usar-para-mudar-o-mundo-nelson-mandela/>

Sales, M. (2012). *Diferentes contextos, um mesmo objetivo: desenvolver as pessoas que moram nos alunos*. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação). Universidade Católica Portuguesa- Faculdade de Educação e Psicologia, Porto. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/11883/1/relatório%20UCP%20-%20Rosário%20Sales.pdf>

Santillana. (2018). *Guía de Aprender a Ser*. Madrid: Santillana Global, S. L. (texto policopiado)

Santillana. (2018). *Guía de Comunicar*. Madrid: Santillana Global, S. L. (texto policopiado).

Santos, A. (2015). *Agora, é hora de comunicar!* (Dissertação de Mestrado em Ensino de 1º e 2º Ciclo de Ensino Básico). Escola Superior de Educação, Coimbra. Disponível em: [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/13259/1/ANAR\\_SANTOS.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/13259/1/ANAR_SANTOS.pdf)

Santos, A. (2020). *A afetividade na relação pedagógica: um contributo para o desenvolvimento da autoconfiança e do autoconceito em crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico* (Dissertação de Mestrado em Pré-Escolar e Ensino de 1º Ciclo do Ensino Básico). Escola Superior de Educação, Coimbra. Disponível em: [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/32311/1/ANA\\_LUISA\\_SANTOS.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/32311/1/ANA_LUISA_SANTOS.pdf)

Santos, G. (s/d). *A Afetividade como facilitadora da aprendizagem*. Promove de Brasília. [http://nipromove.hospedagemdesites.ws/anais\\_simposio/arquivos\\_up/documentos/artigos/c1c30caee9f82381bbc11b2b3c992405.pdf](http://nipromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/c1c30caee9f82381bbc11b2b3c992405.pdf)

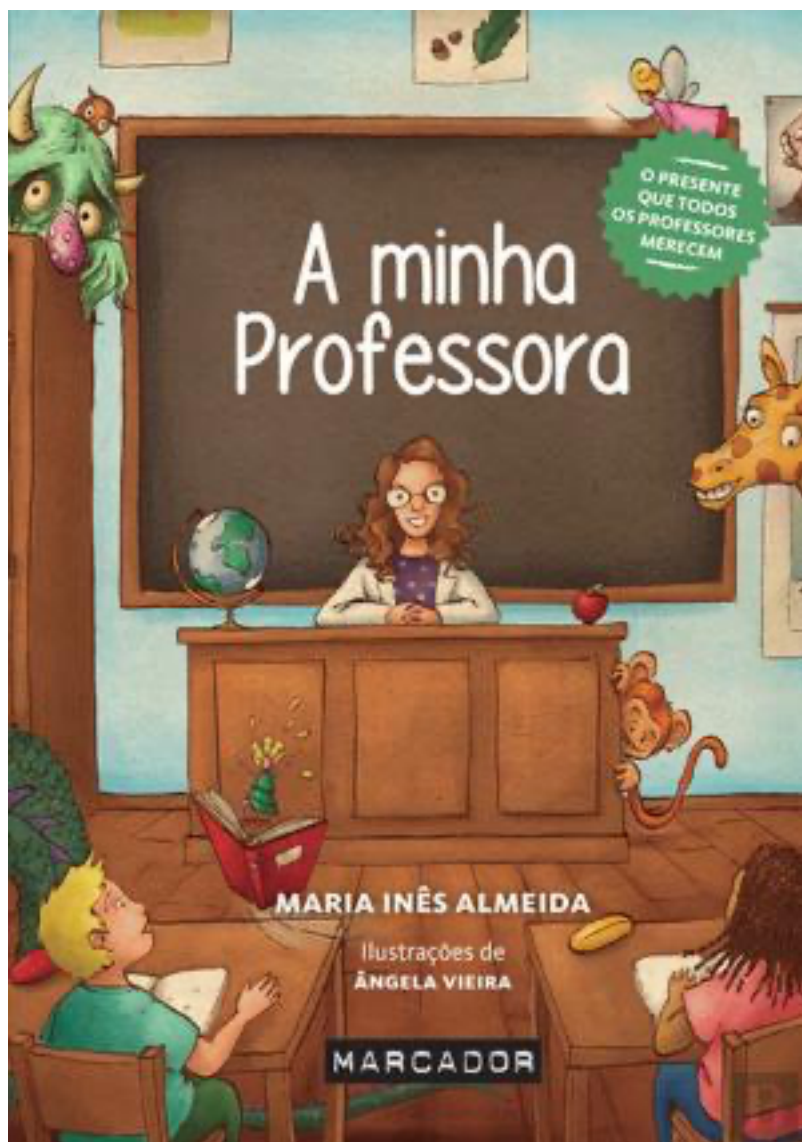
- Silva, D. (2013). *A aquisição da Leitura e da Escrita na Educação Pré-Escolar: Estratégias de Intervenção Pedagógica* (Dissertação de Mestrado em Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico). Universidade dos Açores, Ponta Delgada. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/2885/1/DissertMestradoDinaFatiMaBorgesSilva2013.pdf>
- Silva, M. & Renk, E. (2015). *Educação e a Afetividade no processo de ensino-aprendizagem* (Pós-Graduação em Educação e a Interface com a Rede de Proteção Social). Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Santa Catarina. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Marcilene-Rodrigues-da-Silva.pdf>
- Stern, N. Payment, M. (1999). *Manual Pedagógico Sobre as Práticas do Ensino. Não sabote o próprio sucesso!*. Lyon Edições.
- Trindade, R. (2009). *Escola, poder e saber: a relação pedagógica em debate*. Livpsic
- Van Mannen, M. (1991). *The Tact of Teaching - The Meaning of Pedagogical Thoughtfulness*. State University of New York.
- Veríssimo, A. (2002). *Registos de observação na avaliação do rendimento escolar dos alunos*. Areal Editores
- Vicente, D. V. R. & Santos, S. F. (2016). *A escola, a família, o espaço em que vive o professor: a atuação docente na educação contemporânea*. Anais – Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do CCSEH – SEPE, 1-8. <https://www.anais.ueg.br/index.php/sepe/article/view/7047/4650>

### Documentos Consultados:

- Decreto-Lei 115-A/98, de 4 de maio  
Projeto Educativo da Instituição de EPE  
Projeto Educativo da Instituição de 1º CEB

# ANEXOS

**Anexo I – Livro “A minha professora”, de Maria Inês Almeida**





## **Anexo II – Guião de Inquérito por Entrevista às crianças do estágio supervisionado**

Depois de ler a história quero que me respondam a algumas perguntas sobre os professores.

**Participantes:** 25 crianças

**Duração:** x minutos

**Data e Hora:** a definir

**Local:** a definir

1. Depois de ouvirem a história, vocês acham que os meninos desta professora gostam dela? Porquê?
2. Vocês gostam da vossa educadora? Porquê?
3. O que mais gostam de fazer com a educadora?
4. E com a estagiária, o que mais gostam que ela faça com vocês?

## **Anexo III – Transcrição do Inquérito por Entrevista às crianças do estágio supervisionado**

Depois de ler a história quero que me respondam a algumas perguntas sobre os professores.

**Participantes:** 20 crianças

**Duração:** 16 minutos

**Data e Hora:** 18/05/2021, às 10:45

**Local:** Biblioteca do pré-escolar

### **História:**

**Estagiária:** A primeira pergunta que vos quero fazer é: Vocês acham que os meninos gostavam desta professora?

**Coro:** Sim!

**Estagiária:** E porque é que vocês dizem isso?

**C.:** Porque a professora, ela era muito boa com eles e eles adoravam tanto a professora!

**T.M.:** Eles gostavam da professora porque ela ensinava muitas coisas que eles ainda não sabiam. E assim sabiam mais coisas.

**Estagiária:** Muito bem!

**I.:** Eles gostavam da professora porque eles passavam muito tempo com ela e ela ensinava sempre coisas novas todos os dias.

**T.O.:** Eles gostavam tanto da professora porque ela ensinava coisas a eles.

**M.M.:** A professora ensinava coisas que eles gostavam.

**L.:** As professoras são muito especiais por causa que elas nos ensinam, quando alguém se magoa elas colocam um penso, às vezes dão abraços, às vezes quando estamos tristes, elas dão abraços...

**M.:** É porque a professora conta muitas coisas.

**Estagiária:** Diz, D.

**D.:** Ela ensinava muitas coisas, tipo a fugir do monstro e a enfrentar os medos.

**Estagiária:** Muito bem!

**Relação com a educadora:**

**Estagiária:** E vocês gostam da vossa educadora?

**Coro:** Sim!

**M.M.:** Eu adoro!

**L.:** Eu não adoro, eu amo!

**T.:** Eu também!

(Todos começam a falar ao mesmo tempo)

**C.:** E eu adoro do tamanho do planeta.

**L.:** Eu adoro até ao infinito.

**Estagiária:** E então, porque é que vocês gostam da J.?

**D.:** Porque ela ensina muita coisas gira.

**L.:** E é muito chique.

**M.M.:** Porque diz coisas fixes.

**M.S.:** Eu gosto da J. até ao infinito.

**Estagiária:** E porquê, M.?

**M.S.:** Porque ela faz muitas atividades.

**Estagiária:** Pois é! Vocês aprendem muitas coisas com ela, não é?

(Acenam afirmativamente com a cabeça)

**Estagiária:** I.

**I.:** Ela está connosco.

**C.:** Eu adoro a J. porque ela planeia coisas que todos gostam e por isso ela é muito fixe.

**Estagiária:** Muito bem!

**T.M.:** A J. também nos deixa escolher jogos.

**Estagiária:** E olhem, os abraços dela... como é que ela é?

**C.:** Eu gosto dos abraços dela.

**Coro:** Eu também!

(Todos começam a falar ao mesmo tempo)

**Estagiária:** E ela... é divertida...

**Coro:** Sim!

**C.N.:** Muito divertida!

**A.P.:** Sim!

**T.M.:** Muuuuito divertida!

**Estagiária:** E o que é que vocês mais gostam de fazer com ela?

**C.:** Eu gosto das atividades da J.

**A.S.:** Eu também!

**M.B.:** Eu gosto da ginástica.

(Todos começam a falar ao mesmo tempo)

**Estagiária:** Meninos... eu assim não consigo perceber.

**M.M.:** Eu fui o único que não falei antes e pus o dedo no ar antes de falar.

**Estagiária:** Muito bem! Então, diz M.

**M.M.:** Eu gosto da ginástica e de experiências. Praticamente de tudo.

**C.G.:** Eu também...

**M.S.:** Eu adoro tudo!

**A.S.:** Eu também gosto de fazer ginástica e das atividades na aula.

**Estagiária:** T., T.R. sim.

**T.R.:** Eu amo a J. e gosto de fazer a ginástica e experiências e de fazer desenhos.

**Estagiária:** Muito bem. Mais... C.

**C.P.:** Eu gosto dela e gosto de fazer ginástica com ela.

**Estagiária:** T. que ainda não falaste.

**T.:** Eu gosto das experiências e da ginástica.

**I.:** Eu gosto das atividades.

**Estagiária:** De todas, gostas de todas, não é?

(Acena afirmativamente a cabeça)

**Estagiária:** Mais... H.

**H.C.:** Eu gosto da ginástica e gosto de ir para o computador.

**Estagiária:** P.

**A.P.:** Ela lê histórias...

**Estagiária:** C.

**C.N.:** Eu gosto de fazer experiências com a J.

**Estagiária:** Vocês gostam de fazer de tudo com a J., não é?

**Coro:** Sim!

**L.:** E com a Joaquina.

**T.O.:** Sim!

### **Relação com a estagiária:**

**Estagiária:** E então... e agora, o que é que vocês mais gostam que eu faça com vocês?

**Coro:** Atividades!

**L.:** Miminhos!

(Começam a falar todos ao mesmo tempo)

**Estagiária:** Um de cada vez. Dedo no ar.

**C.G.:** Atividades!

**F.:** Eu gosto da J. porque ela faz conosco atividades muito divertidas.

**D.:** Eu gosto da J. e da Joaquina.

(Começam a falar ao mesmo tempo)

**Estagiária:** Meninos... C.

**C.:** Eu gosto da J. e da Joaquina porque elas fazem muitas atividades giras e isso faz com que eu me sintam bem.

(Começam a falar ao mesmo tempo)

**A.P.:** Atividades!

Estagiária: Meninos... dedo no ar.

**C.:** De fazermos atividades juntas.

**Estagiária:** Muito bem! E que mais?

**T.M.:** Eu gosto de tudo o que faço.

**Estagiária:** Muito bem!

**D.:** Eu gosto de quando faço experiências com a Joaquina.

**R.:** Quando nos contam histórias.

**T.O.:** Quando fazes atividades conosco.

**T.:** Quando fazes atividades.

**I.:** Das atividades.

**A.S.:** Gosto de fazer atividades e gosto também de ti.

**Estagiária:** Obrigada!

**M.B.:** Gosto de fazer experiências com a Joaquina, a J. e a F.

**Estagiária:** Muito bem! E tu, M., o que gostas mais de fazer conosco?

**M.:** Experiências.

**Estagiária:** Muito bem! C.

**C.N.:** Gosto muito quando contas histórias e fazemos as experiências.

(Começam todos a falar)

**Estagiária:** Meninos... dedo no ar. Diz, L.

**L.:** Eu gosto mais quando a Joaquina faz experiências e a mandar nós ficarmos quietos.

(Todos se riem)

**Estagiária:** Então, eu não tenho mais nenhuma pergunta, mas agora preciso que façam uma coisa... vou precisar que vocês façam um desenho meu e da J. Sim?

**T.R.:** Sim. Eu adoro fazer desenhos.

**Coro:** Eu também!

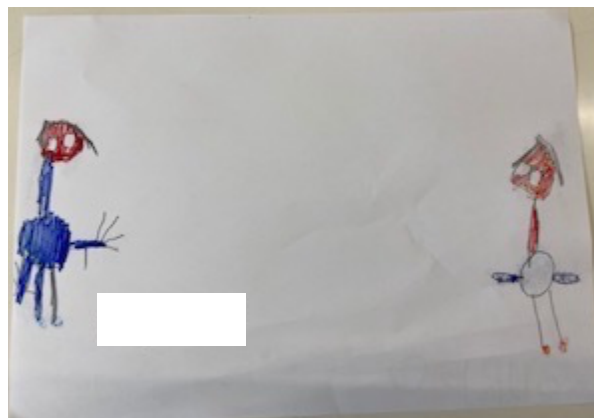
**Anexo IV – Desenhos realizados pelas crianças**



Desenhos da T. e do A.



Desenhos do T. e da I.



*As Bases Fundamentais para uma Relação Pedagógica Sólida*

Desenhos do M. e do R.



Desenhos do M. e do A.



Desenhos do T. e do P.



Desenhos da C. e da L.



*As Bases Fundamentais para uma Relação Pedagógica Sólida*



Desenhos do H. e da C.



Desenhos do T. e da C.



Desenhos do D. e da M.

*As Bases Fundamentais para uma Relação Pedagógica Sólida*



Desenhos da F. e do M.

## Anexo V – Grelha utilizada nas observações

Observador(a):				
Ano/Turma:				
Data:				
Indicadores Comportamentais	Indicadores de medida	Sim	Não Observado	Observações:
<b><u>Gestão da aula</u></b>	- Sumaria brevemente a aula anterior			
	- Identifica, no início de cada aula, os objetivos;			
	- Organiza a aula de forma a que a relação entre objetivos e atividades seja clara			
	- Fecha a aula com discussão do trabalho realizado			
	- Envolve os alunos nas diferentes etapas da aula			
<b><u>Promoção de um Clima Favorável à aprendizagem, ao bem-estar e ao</u></b>	- Utiliza o nome dos alunos			
	- Recorre ao reforço positivo: recompensa, elogio, encorajamento			
	- Dá feedback aos alunos			
	- Mostra capacidade para atender às diferentes necessidades dos alunos			

<p><b><u>envolvimento afetivo, emocional e social do aluno</u></b></p>	- Recorre ao humor			
	- Movimenta-se pela sala e utiliza gestos enquanto comunica com os alunos			
	- Usa todos os recursos que tem à sua disposição			
	- Cria empatia com os alunos			
	- Estabelece uma relação empática com os alunos			
	- Estabelece uma relação afetiva com os seus alunos			
<p><b><u>Concessão de Iguais Oportunidades de Participação, Promoção da Integração dos alunos e da Adoção de Regras de Convivência, Colaboração e Respeito</u></b></p>	- Mostra tolerância e respeito com a diversidade étnica, cultural, sexual e social			
	- Utiliza instrumentos de auto e heteroavaliação com os alunos			
	- Cria oportunidades de decisão aos alunos			
	- Mostra capacidade de diálogo e de negociação			
	- Incentiva à autonomia			
	- Encoraja o pensamento crítico e reflexivo			
	- Usa diversas estratégias para que os			

<b><u>Aproveitamento acadêmico</u></b>	alunos compreendam o conteúdo			
	- Utiliza materiais que facilitam e ajudam à aprendizagem			
	- Estimula a opinião dos alunos em relação ao aproveitamento escolar			
<b><u>Equilíbrio no exercício da autoridade para manutenção da disciplina na sala de aula</u></b>	- Revela capacidade de gestão de conflitos			
	- O ambiente de aprendizagem é seguro			

## Anexo VI – Primeira Observação

<b>Observador(a):</b> Joana Pinto <b>Ano/Turma:</b> 3ºB <b>Data:</b> 10 de novembro de 2021				
<b>Indicadores Comportamentais</b>	<b>Indicadores de medida</b>	<b>Sim</b>	<b>Não Observado</b>	<b>Observações:</b>
<b><u>Gestão da aula</u></b>	- Sumaria brevemente a aula anterior	X		Falou sobre o que abordaram na aula anterior
	- Identifica, no início de cada aula, os objetivos;		X	
	- Organiza a aula, de forma que a relação entre objetivos e atividades seja clara	X		
	- Fecha a aula com discussão do trabalho realizado		X	Não fez uma síntese do trabalho realizado
	- Envolve os alunos nas diferentes etapas da aula	X		Incentiva à participação dos alunos nos diferentes momentos da aula
	- Utiliza o nome dos alunos	X		Sempre
	- Recorre ao reforço positivo: recompensa, elogio, encorajamento	X		Elogiou uma aluna por ter estado atenta a aula toda, pois não acontece com frequência

<p><b><u>Promoção de um Clima Favorável à aprendizagem, ao bem-estar e ao envolvimento afetivo, emocional e social do aluno</u></b></p>	- Dá feedback aos alunos	X		“Muito bem!”, “Boa!”, “Isso mesmo!”, “Dá mais cinco”
	- Mostra capacidade para atender às diferentes necessidades dos alunos	X		Esclareceu as dúvidas dos alunos
	- Recorre ao humor	X		A aula foi sobre a numeração romana e para os alunos decorarem, recorreu ao humor
	- Movimenta-se pela sala e utiliza gestos enquanto comunica com os alunos	X		
	- Usa todos os recursos que tem à sua disposição	X		Nesta aula, utilizou o quadro, quadro interativo e manual
	- Cria empatia com os alunos	X		Recorre a exemplos significados para os alunos
	- Estabelece uma comunicação empática com os alunos	X		Comunica ao nível dos alunos, olhos nos olhos
	- Estabelece uma relação afetiva com os seus alunos	X		
<p><b><u>Concessão de Iguais Oportunidades de Participação,</u></b></p>	- Mostra tolerância e respeito com a diversidade étnica, cultural, sexual e social	X		

*As Bases Fundamentais para uma Relação Pedagógica Sólida*

<b><u>Promoção da Integração dos alunos e da Adoção de Regras de Convivência, Colaboração e Respeito</u></b>	- Utiliza instrumentos de auto e heteroavaliação com os alunos		X	
	- Cria oportunidades de decisão aos alunos		X	
	- Mostra capacidade de diálogo e de negociação		X	
<b><u>Aproveitamento académico</u></b>	- Incentiva à autonomia	X		
	- Encoraja o pensamento crítico e reflexivo		X	
	- Usa diversas estratégias para que os alunos compreendam o conteúdo	X		
	- Utiliza materiais que facilitam e ajudam à aprendizagem	X		
	- Estimula a opinião dos alunos em relação ao aproveitamento escolar		X	
<b><u>Equilíbrio no exercício da autoridade para manutenção da disciplina na sala de aula</u></b>	- Revela capacidade de gestão de conflitos	X		Agiu perante um conflito entre dois alunos, dentro da sala de aula
	- O ambiente de aprendizagem é seguro	X		



## Anexo VII – Segunda Observação

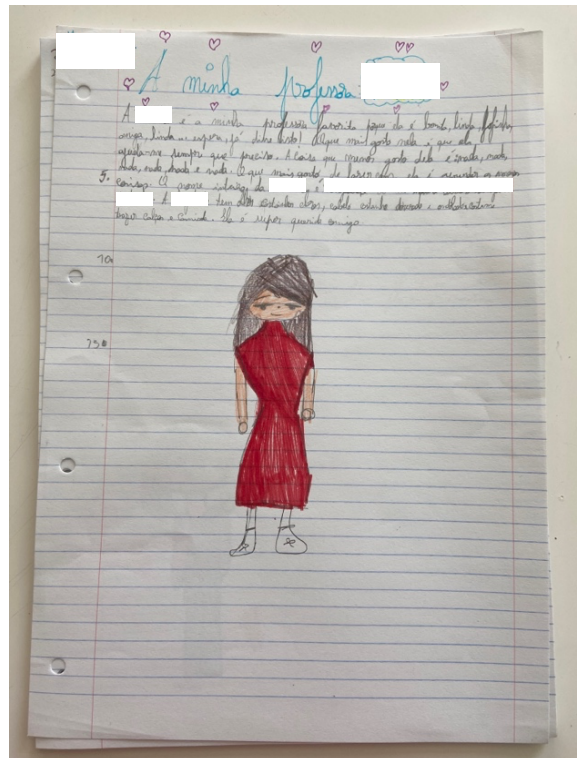
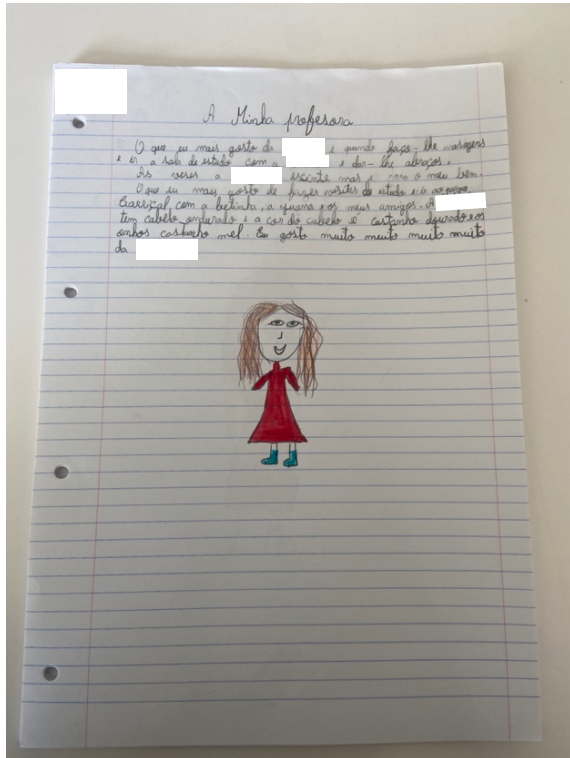
<b>Observador(a):</b> Joana Pinto <b>Ano/Turma:</b> 3ºB <b>Data:</b> 11 de maio de 2022				
<b>Indicadores Comportamentais</b>	<b>Indicadores de medida</b>	<b>Sim</b>	<b>Não Observado</b>	<b>Observações:</b>
<b><u>Gestão da aula</u></b>	- Sumaria brevemente a aula anterior		X	Como era conteúdo novo, não existia ligação com a aula anterior
	- Identifica, no início de cada aula, os objetivos;	X		Explica o que vão aprender na aula
	- Organiza a aula de forma a que a relação entre objetivos e atividades seja clara	X		
	- Fecha a aula com discussão do trabalho realizado		X	Não fez uma síntese do trabalho realizado por falta de tempo
	- Envolve os alunos nas diferentes etapas da aula	X		Ao longo da aula permitiu que os alunos refletissem acerca das características dos estados da água
	- Utiliza o nome dos alunos	X		Utiliza sempre o nome dos alunos.
	- Recorre ao reforço positivo: recompensa, elogio, encorajamento		X	

<p><b><u>Promoção de um Clima Favorável à aprendizagem, ao bem-estar e ao envolvimento afetivo, emocional e social do aluno</u></b></p>	- Dá feedback aos alunos		X	
	- Mostra capacidade para atender às diferentes necessidades dos alunos	X		
	- Recorre ao humor		X	
	- Movimenta-se pela sala e utiliza gestos enquanto comunica com os alunos	X		
	- Usa todos os recursos que tem à sua disposição	X		
	- Cria empatia com os alunos	X		Recorre a exemplos que presentes no dia a dia dos alunos
	- Estabelece uma relação empática com os alunos	X		
	- Estabelece uma relação afetiva com os seus alunos	X		
<p><b><u>Concessão de Iguais Oportunidades de Participação, Promoção da Integração dos alunos e da Adoção de Regras de Convivência, Colaboração e Respeito</u></b></p>	- Mostra tolerância e respeito com a diversidade étnica, cultural, sexual e social	X		
	- Utiliza instrumentos de auto e heteroavaliação com os alunos		X	
	- Cria oportunidades de decisão aos alunos		X	
	- Mostra capacidade de diálogo e de negociação		X	

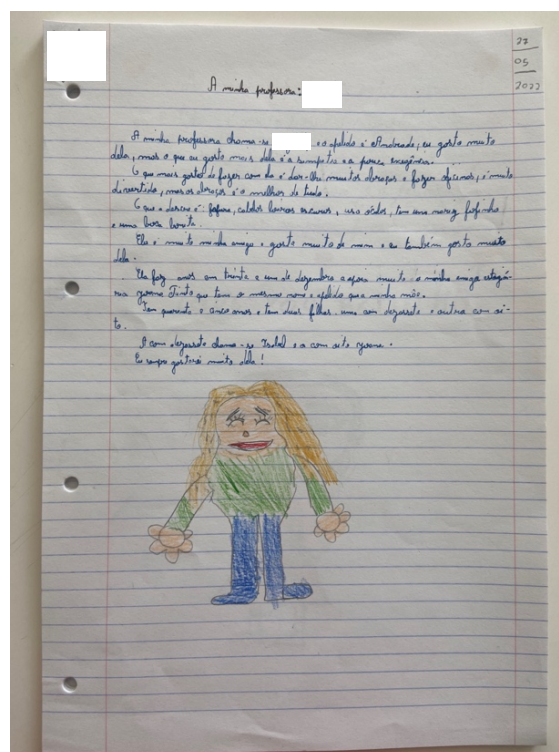
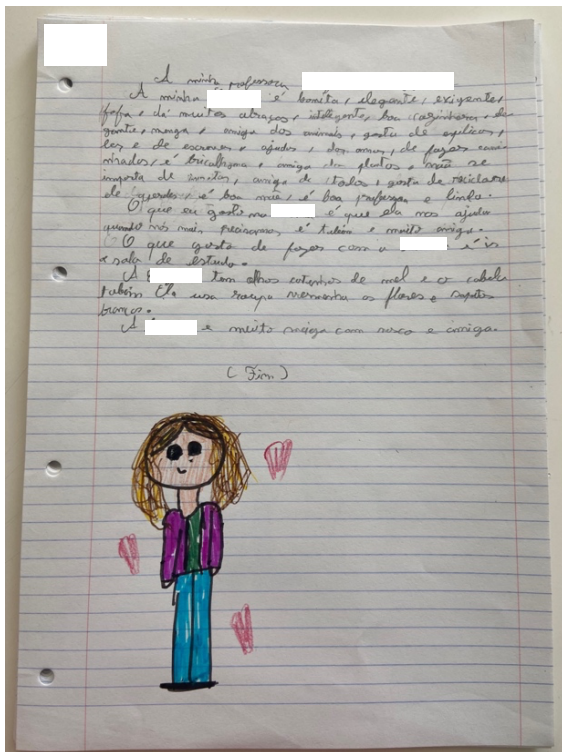
*As Bases Fundamentais para uma Relação Pedagógica Sólida*

<b><u>Aproveitamento académico</u></b>	- Incentiva à autonomia	X		
	- Encoraja o pensamento crítico e reflexivo	X		Permite que reflitam acerca das características dos 3 estados da água
	- Usa diversas estratégias para que os alunos compreendam o conteúdo	X		Explica o conteúdo, mas ao perceber que estão com dificuldades utiliza vídeos da Escola Virtual
	- Utiliza materiais que facilitam e ajudam à aprendizagem	X		
	- Estimula a opinião dos alunos em relação ao aproveitamento escolar		X	
<b><u>Equilíbrio no exercício da autoridade para manutenção da disciplina na sala de aula</u></b>	- Revela capacidade de gestão de conflitos		X	
	- O ambiente de aprendizagem é seguro	X		

Anexo VIII – Produções Escritas dos Alunos

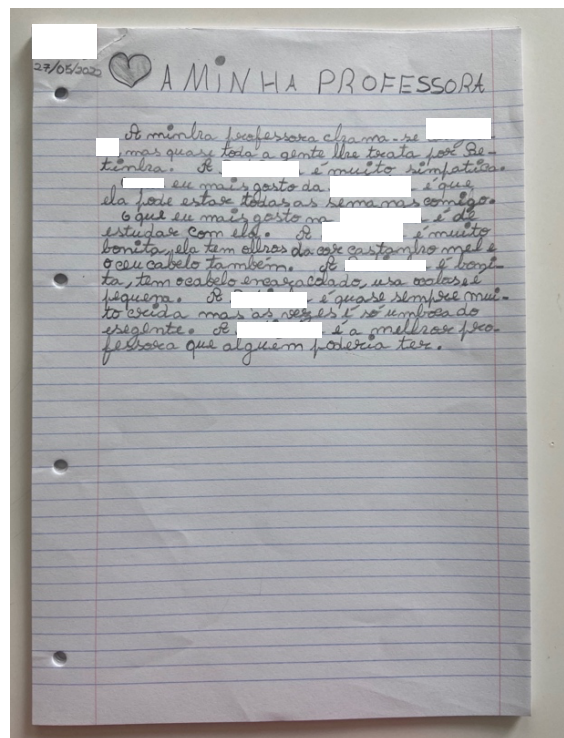
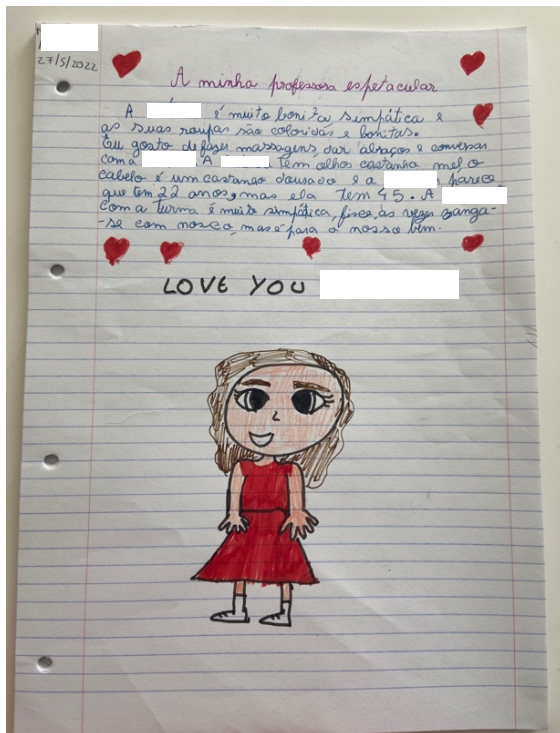


Textos do L. e da M.B.

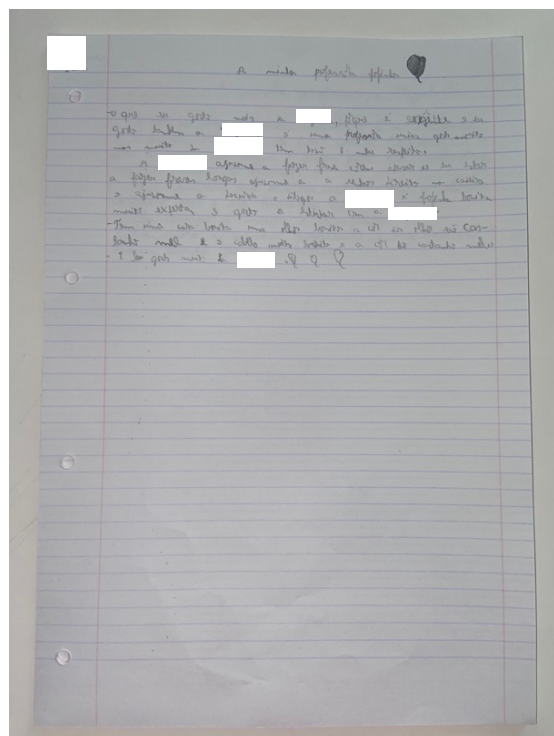
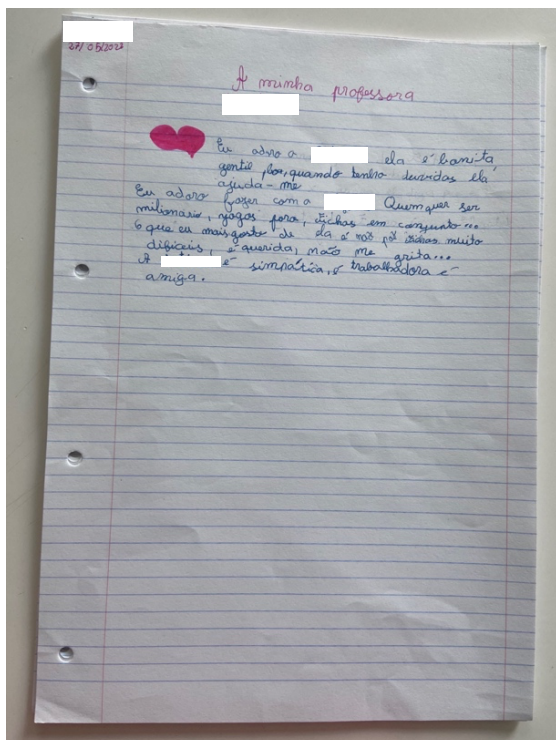


Textos do T. e do M.P.

# As Bases Fundamentais para uma Relação Pedagógica Sólida



Textos da M.A. e da S.L.

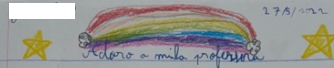


Textos da I.J. e do M.B.



# As Bases Fundamentais para uma Relação Pedagógica Sólida

27/5/2022



Adoro a minha professora

A [redacted] é a melhor professora do mundo e é conhecida por [redacted] da turma.

A [redacted] é ótima a dar aulas e a explicar as matérias novas, eu aprendo muito e a cada dia que eu vou eu adoro fazer experiências com ela e fazer as coisas com a ajuda dos meus amigos.

A [redacted] tem um olho castanho mel, tem o cabelo mais bonito do mundo, ela é muito gentil como eu gosto, mas eu adoro a minha professora e a minha amiga. Eu adoro a minha professora. ♥

♥ a minha professora ♥

A minha professora chama-se [redacted], mas eu costumo lhe chamar [redacted].

Eu [redacted] é, que mais gosto dela é por ela ser simpática, mas da brincadeira, de para todos os dias por ser querida. [redacted] é muito querida a coisa que eu gosto mais de aprender foi de [redacted].

O melhor momento que gostei da [redacted] foi quando a conheci. Não quis nem um momento que não gostei porque ela é muito amiga.

A [redacted] é como se fosse uma mãe na sala de aula.

É que mais gosto de fazer com a [redacted] é tudo mais mesmo e gosto mais de fazer com ela, são as atividades que aprendo muito e as coisas.

A [redacted] eu acho que é a melhor professora do mundo, mas sei porque mais ela é a que explicou foi esta na escola ela é esbraveada muito mais ainda.

A [redacted] é: querida, boa professora, exigente e [redacted].


A [redacted] como é como se fosse uma mãe e [redacted].

[redacted]

27/5/2022

Textos do J.A. e do F.F.

27/05/2022



Ado a minha professora

1. A minha professora chama-se [redacted].

2. Ela que mais gosto nela [redacted] a [redacted], [redacted], [redacted] e [redacted].

3. É a que mais gosto de fazer com a [redacted] a [redacted], a [redacted] de [redacted] e a [redacted].

4. Ela tem o cabelo e os olhos castanhos mel.

5. Ela é [redacted] para nós é incrível, [redacted] e [redacted] muito [redacted] e [redacted].

6. É esta é como eu acho que a minha professora.

Ado a minha professora [redacted]

Eu tenho um professor que se chama [redacted].

Eu gosto da [redacted], porque ela dá muito apoio e os meus [redacted] ela fica chateada mas eu não faço as coisas mal.

Ela é uma ótima professora, mas não é perfeita. Não faço com ela [redacted] estudar, aprender, ler, ter [redacted].

Ela é [redacted] e [redacted], [redacted] e [redacted] a [redacted] [redacted].

Ela sabe sempre o que fazer, nunca se esquece de nada.

A [redacted] é para nós [redacted] e [redacted], [redacted], às vezes ela fica chateada com nós.

A [redacted] é a melhor!!!

Textos do F. e da M.

# As Bases Fundamentais para uma Relação Pedagógica Sólida

Nome: [redacted] Data: 27/05/2022

À minha professora fofa [redacted]

A minha professora [redacted] é muito fofo, porque ela faz muitas atividades com a gente, gosta muito de nós, ela é muito simpática e eu gosto muito de fazer atividades junto com ela.

Elle tem olhos castanhos, cabelo preto, tem um sorriso maravilhoso com frestas nos olhos, usa óculos, uma pulseira e um anel. Ela é muito simpática e muito amigável e quando ela tem tempo livre ela pratica atividades para nós.

Nome: [redacted] Data: 27/05/2022

À minha professora [redacted]

U que eu mais gosto na [redacted] é que ela é carinhosa, simpática, divertida e faz muitas coisas e também ela é muito simpática e gosta de fazer jogos e brincadeiras.

Elle tem o cabelo cor de mel, tem olhos castanhos, usa óculos, tem um relógio, tem uma pulseira e tem um sorriso maravilhoso.

Elle é muito simpática e quando ela tem tempo livre ela pratica atividades para nós.

Textos do D. e da I.

Nome: [redacted] Data: 22/06/2022

À minha prof favorita [redacted]

O que eu mais gosto na [redacted] é de que ela sempre manda o que eu mais gosto de fazer, uma atividade de fazer máscaras, dar abraços e fazer muitas coisas. Ela trabalha muito ela é muito exigente, divertida, os olhos dela são castanhos claros. Ela é pra mim a melhor professora.

Nome: [redacted] Data: 27/11/22

À minha professora [redacted]

A minha professora é a [redacted] eu gosto dela porque ela é muito simpática. Com ela eu me sinto bem e ela é muito simpática e divertida.

A minha professora é muito simpática e quando ela tem tempo livre ela pratica atividades para nós.

Elle é muito simpática e quando ela tem tempo livre ela pratica atividades para nós.

Textos do J.D. e do P.I.